



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE CIÊNCIA
DA VIDA E DA NATUREZA (ILACVN)
SAÚDE COLETIVA**

SAÚDE COLETIVA: CARTOGRAFIA DOS AFETOS

MAÍSA MELARA

Foz do Iguaçu

2016

SAÚDE COLETIVA: CARTOGRAFIA DOS AFETOS**MAÍSA MELARA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Instituto Latino-Americano de Ciências da Vida e da Natureza da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Saúde Coletiva.

Orientador: Prof. Dr. Gilmar José De Toni
Coorientadora: Prof^a. Dr^a Elisete Maria Ribeiro

Foz do Iguaçu

2016

MAÍSA MELARA

SAÚDE COLETIVA: CARTOGRAFIA DOS AFETOS

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Instituto Latino-Americano de Ciências da Vida e da Natureza da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Saúde Coletiva.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr Gilmar José De Toni
UNILA

Coorientadora: Prof^a Dr^a Elisete Maria Ribeiro
UNILA

Prof^a Dr^a Danielle Araújo
UNILA

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

À todo Corpo que, em nome de sua Saúde (Mental), adoeceu, pulou fora e, sobretudo àqueles que resistiram dentro dos navios.

Agradecimentos

Agradeço as vibrações da Terra que me aproximou distintos e diversos corpos nesses últimos cinco anos. A partir desses cruzamentos, tive o privilégio de aprender com as diferenças e a oportunidade de refletir sobre meus mundos.

Às vibrações do corpo de Elisete, que me ensina a ser 'enfrentativa';

Às vibrações do corpo de Carlos, que me ensina compartilhar sonhos;

Às vibrações do corpo de Cristiano, que me ensina a ser irmã;

Às vibrações do corpo de Vera e de Vilson, que com o poder do amor me dão vida.

“Estou muito longe da pretensão de entreter uma conversa com você sobre o bem e o mal. Escrevo-lhe cartas despreziosas, de coração aberto, correndo o risco de incorrer em muitos erros”.

Nise da Silveira

MELARA, Máisa. **Saúde Coletiva**: cartografia dos afetos. 2016. 107f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Saúde Coletiva) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2016.

RESUMO

Neste trabalho monográfico, nos guiaremos por meio de uma escrita cartográfica. A pretensão é de descrever um imanente processo cognitivo, através de uma síntese de imagens que fazem parte do corpo humano e que pertencem ao campo de observação de várias áreas do conhecimento. Aqui, no caso, traremos para dentro da Saúde Coletiva. As imagens a qual nos referimos, será escrita e descrita no decorrer deste trabalho de forma figurativa ou metafórica. De tal maneira, representaremos embarcações, pois é dessa forma que entendemos o movimento do conhecimento. E essas naus encaminharão nossa pesquisa no sentido de buscar as origens da institucionalização da Graduação em Saúde Coletiva da UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, e as raízes que caracterizam algumas linguagens da Saúde Pública. Essa investigação ou navegação fará um percurso nos moldes do fazer saber, a partir de linhas de segmentaridade e de fugas. Linhas que descrevam encontros bibliográficos e práticos, vivenciados durante o processo da pesquisa, para, no final, compreender um conjunto de atributos e os modos de fazer existir corpo e pensamento Saúde Coletiva.

Palavras-chave: Saúde Coletiva. Saúde Mental. Cartografia. Afeto.

MELARA, Maísa. **Salud Colectiva**: cartografía de los afectos. 2016. 107f. Trabajo de Conclusión de Curso (Graduación en Salud Colectiva) – Universidad Federal de la Integración Latinoamericana, Foz de Iguazú, 2016.

RESUMO

En esta monografía, que nos guiará a través de una escritura cartográfica. La pretensión es de describir un inmanente proceso cognitivo, por medio de una síntesis de imágenes que son parte del ser humano y que pertenece al campo de visión de diversas áreas del conocimiento. Sin embargo, aquí, vamos a poner en la Salud Colectiva. Las imágenes que nos referimos, serán escritas y descritas en sentido figurado o metafórico, de tal manera que representan los buques en la navegación, ya que esta es la forma en que concebimos el movimiento del conocimiento. Y estos buques enviarán nuestras investigaciones con el fin de buscar los orígenes de la institucionalización de la Graduación en Salud Colectiva de la UNILA - Universidad Federal de la Integración Latinoamericana, y las raíces que ofrecen algunos lenguajes de Salud Pública. Esta investigación o buque hará un camino a lo largo para hacer saber, a partir de líneas de segmentaridades y de fugas. Líneas que describen reuniones bibliográficas y prácticas, se experimentan durante el proceso de investigación, para que al final, se comprenda un conjunto de atributos y formas de hacer existir cuerpo y pensamiento Salud Colectiva.

Palavras-chave: Salud Colectiva. Salud Mental. Cartografia. Afecto.

MELARA, Maísa. **Santé Collective**: cartographique des affections. 2016. 107f. Travail de conclusion de cours (Graduation en santé Collective) – Université fédérale de l'intégration latino-américaine. Foz de Iguazú, 2016.

RÉSUMÉ

Ce travail monographique, nous guidera à travers une écriture cartographique. L'intention est de décrire un processus cognitif immanent, grâce à une synthèse d'images qui font partie du corps humain et qui appartiennent au champ d'observation de divers domaines de la connaissance. Ici, dans ce cas, nous apportons dans la santé collective. Les images auxquelles nous nous référons, seront rédigées et décrites tout au long de ce travail de manière figuré ou métaphorique. À tel point, nous représentons les navires parce que c'est la façon dont nous comprenons le mouvement de la connaissance. Et ces navires leveront vers l'avant nos recherches, dans l'objectif d'identifier les origines de l'institutionnalisation de la graduation en santé Collective de L' Unila - Université fédérale de l'intégration latino-américaine, et les racines qui caractérisent certains langages de la santé publique. Cette recherche ou navigation fera un itinéraire dans les moules du savoir faire, à partir des lignes de segmentations et de fuites. Des lignes qui décrivent les rencontres bibliographiques et pratiques, qui ont eu lieu, au cours du processus de recherche, pour, à la fin, comprendre un ensemble d'attributs et les modes d'existence du corps et la pensée de la santé collective

Mot-clé: Santé Collective; Santé Mentale ; Cartographie ; Affection.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMAQ	Autoavaliação para Melhoria do Acesso e da Qualidade
CI-UNILA	Comissão de Implantação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana
CsO	Corpo sem órgãos
EAB	Equipe de Atenção Básica
ESF	Estratégia Saúde da Família
Fiocruz	Fundação Oswaldo Cruz
GSC	Graduação em Saúde Coletiva
GT	Grupo de trabalho
ILACVN	Instituto Latino-Americano de Ciências da Vida e da Natureza
IMEA	Instituto Mercosul de Estudos Avançados
MS	Ministério da Saúde
OPAS	Organização Panamericana de Saúde
PMAQ-AB	Programa Nacional da Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica
PRAE	Pró-reitoria de Assuntos Estudantis
RAS	Rede de Atenção à Saúde
RBP	Reforma Psiquiátrica Brasileira
SMS	Secretaria Municipal de Saúde
TCI	Terapia Comunitária Integrativa
UBS	Unidade Básica de Saúde
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana
UPAC	Universidade Popular de Arte e Ciência
USF	Unidade Saúde da Família

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	IMANÊNCIA DA IDEIA	12
2.1	ESQUIZA ANTROPOFAGIA	18
3	SEGUE SUA NAU: LINHAS DE SEGMENTARIDADE E AGENCIAMENTO COLETIVO DE ENUNCIÇÃO	23
3.1	MÚLTIPLA NAU DA LINGUAGEM	29
3.2	A NAU DA LOUCURA QUE CURA	36
4	OS FARÓIS DOS NAVEGANTES: LINHAS DE FUGA	42
4.1	O AMOR É CIÊNCIA	51
5	RODA DE AFETO: AGENCIAMENTO COLETIVO DO DESEJO	57
5.1	ESTÁGIO DIVISÃO ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA	62
5.1.1	RELATORIAS DE ESTÁGIO	
5.1.1.1	Roda de afeto I	67
5.1.1.2	Roda de afeto II	70
5.1.1.3	Roda de afeto III	73
5.1.1.4	Roda de afeto IV	76
5.1.1.5	Roda de afeto V	78
5.1.1.6	Roda de afeto VI	80
5.1.1.7	Roda de afeto VII	83
5.2	ESTÁGIO GRUPO DE TRABALHO SAÚDE MENTAL: PRAE/UNILA	84
5.2.1	RELATORIAS DE ESTÁGIO	87
5.2.1.1	Roda de afeto I	87
5.2.1.2	Roda de afeto II	90
5.2.1.3	Roda de afeto III	92
5.2.1.4	Roda de afeto IV	93
5.2.1.5	Roda de afeto V	95
5.2.1.6	Roda de afeto VI	97
5.2.1.7	Roda de afeto VII	98
5.3	CORPO PARA O DEVIR DOS AFETOS	100
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	102

REFERÊNCIAS

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia buscará, a princípio, relacionar os delineamentos de uma parte da história do curso de Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Assim, o caminhar dessa investigação se torna o próprio processo cognitivo na busca por uma essência e uma existência para esse profissional.

Para tanto, a nossa proposta é demonstrar a construção de um imanente mapa deste processo. Como?! Por meio de um *inconsciente que protesta*. Não entre em pânico! Este estudo é respaldado por concepções e métodos científicos.

Tentaremos permeá-la através do método rizoma, proposto por Deleuze e Guattari, que não é muito simples de ser abordado, pelo fato de ser ainda pouco utilizado, pois, de certa forma, protagoniza a ruptura da base positivista dos métodos tradicionais de pesquisas da Ciência Moderna. No contexto da Saúde Coletiva demonstra-se a importância do resgate desta base metodológica e, sobretudo, da contribuição analítica que suscita. Para isso, o conjunto das orientações que seguiremos, estarão relacionadas com as ideias do filósofo Espinosa, onde a potência de existir é igual a potência de ser afetado.

De acordo com a definição quatro e cinco da primeira parte do livro “Ética” de Espinosa, atributo é *“aquilo que, de uma substância, o intelecto percebe como constituindo a sua essência”* e modo é *“aquilo que existe em outra coisa, por meio do qual é também concebido”*. (SPINOZA, 2013, p.13)

A partir desses conceitos, afina-se a compreensão sobre a investigação. Descobre-se que a essência não é algo imutável e virtual como se pensava, mas que são atributos essencialmente reais e em movimento.

E para que esses atributos possam existir, necessitam encontrar um modo de se manifestar.

Dessa maneira, então, é que essa pesquisa pretende guiar essa observação, ou seja, partindo de algumas perguntas essenciais para conduzir nossa nau investigativa, tais como: por quais modos de pensar podem ser expressados, por causa de si, corpos da Saúde Coletiva?

Esse estudo, que deseja fazer dessa pergunta um mapa, procura ser a sua causa adequada, ou melhor, a existência da pesquisa, necessariamente, envolve a sua essência. Portanto, os modos de pensar e os corpos investigados precisam agir por causa de si, por sua causa própria.

Dividida em partes, a monografia pretende expressar, este questionamento, por meio de linhas que dão vida às imagens mentais.

Linhas de segmentaridade que se estruturam com as linhas dos agenciamentos coletivos de enunciação. E linhas de fugas que constroem rizomas com os agenciamentos coletivos do desejo.

As linhas de segmentaridade, que verticalizam a investigação de uma institucionalização da UNILA, dão uma rota segura aos navios do conhecimento. E os agenciamentos coletivos de enunciação da pesquisa, ou seja, o corpo acadêmico da UNILA, ao viajarem junto nessa rota, criam impressões de devires.

As linhas de fugas, sobretudo, que fazem dos pensamentos um rizoma, são os bons encontros proporcionados ao estudo. Encontros com Nise da Silveira, com Espinosa, com Maturana, com a Universidade Popular de Arte e Ciência, entre outros. Por sua vez, as “Rodas de Afeto”, que mapeiam na pesquisa um agenciamento coletivo do desejo, proporcionam a materialização de um corpo Saúde Coletiva.

O corpo, aqui, é o próprio sujeito-pedagógico da monografia. E num campo de investigação dos afetos, o corpo é o próprio território de abertura à reflexão. Portanto, o corpo Saúde Coletiva, longe de ser um ser, são intensidades.

A cartografia, enquanto um método rizoma, atenta-se aos afetos no processo de investigação e, de acordo com Espinosa, os afetos são as intensidades pelas quais passam pelo corpo significações sobre uma substância. Os afetos são modos de pensar e agir numa dada existência.

Entretanto, essa substância é sempre a mesma e são as definições que damos à ela que podem aumentar ou diminuir a força de existir da natureza dos afetos.

Assim posto, compreende-se que a Saúde Coletiva (SC), enquanto linguagem científica e prática profissional, busca as linhas dos modos de pensar que consideram os afetos como atitudes para melhor fluir os espaços nos quais se cria Saúde.

Neste sentido, emergem questões referentes a temática, bem como a atuação do profissional de SC: ao considerar a SC como atividade que se propõe científica, o profissional poderia trabalhar a partir dos afetos? Há como a SC educar

sem atentar para os fenômenos de causa-efeito das doenças? Se faz cabível, na atenção, empezar olhar uma dissociação do “Processo Saúde-Doença” do “Processo-Saúde”? É plausível, em algum setor da gestão, que haja a ideia de saúde sem a ideia de doença?

Longe de pretender responder tais questionamentos, a intenção desta monografia é decalcar imagens mentais. Imagens que, de certa forma, são construções que apontam um campo complexo e contraditório de saberes e práticas e desconstroem os limites da criação de um corpo Saúde Coletiva.

Todavia, no transcorrer destas linhas, as palavras: “corpo”, “encontro”, “afeto”, “imagens”, “forças que vem de dentro”, “linguagem”, “forças que vem de fora”, e “navio do conhecimento”, serão, por inúmeras vezes, enunciadas. Basicamente por enigmas sinonímicos da autora.

2 IMANÊNCIA DA IDEIA

Carta a Guatá

Guatá, para os guaranis, expressa o ato de caminhar e são, para os meus caminhos, que dedico esse mapa. Um mapa não com caráter de estruturar um território, ao contrário, um mapa que, de alguma forma, represente o meu processo de desterritorialização.

“Desconstrua!” Diriam eles. “Desde que”, continuam a dizer, “siga a estrutura”.

Queridos caminhos, como eu, vivenciadora de tantas paisagens, de tantos ensinamentos, de tantos encontros que vocês me proporcionaram, posso, agora, desconsiderá-los?! Como transitar, agora, somente por um caminho?! Como, agora, deixar pra traz toda a bagagem, cheia de instrumentos que você, meu Guatá, me ensinou a usar para facilitar a caminhada?! E pior, como, agora, não enlouquecer sem os conhecimentos que acumulei ao longo das estradas que passei?!

Sabe, Guatá amigo, à trajetória, por eles orientada, não

me ofereceram todas as ferramentas necessárias para transitá-la! Me fez acreditar que este era o único caminho certo, porque é traçado. Apresentou-se, antes da minha entrada, como uma jornada linear. “Agarra-se um objeto e ele te seguirá, imutavelmente, até o fim”. Esse é o maior subsídio, por eles fornecidos, para me facilitar.

No entanto, meus diversos caminhos, logo ao ingressar, percebi que esta jornada não é reta e, muito menos, o objeto um suavizador. Ela transpassa por fendas, por montanhas, por rios, por barreiras. Na verdade, compreendi, que ela faz muitas curvas. Assim, como todos os outros caminhos da minha vida. Porém, agora, querido Guatá, me coloco impedida de utilizar as pontes, os mosquetões, os barcos, as picaretas. Elas ficaram dentro da minha bagagem extraviada! E, deste modo, enlouqueço! Enlouqueço porque não sei viver sem essa minha mala. Era lá que estavam meus reais auxílios. Sem ela, esse caminho supostamente endireitado, se faz torto! Não que, antes deste furto maior, eu não tenha perdido minha bagagem por aí. Mas, acontece, amigo Guatá, que antes eu não me sentia aparelhada! Podia voltar e resgatá-la. E, por muitas vezes, neste ato de voltar verificava o quanto a minha bagagem havia aumentado. Havia-se agregados mais instrumentos à ela. E, assim, poderia transcorrer por outros caminhos.

Entretanto, agora, após ter percorrido a maior parte nesta jornada orientada percebi o quanto ela me estruturou! Me organizou de acordo a não mais ver os demais caminhos. E, por isso, meu querido Guatá, faço esse mapa em forma de carta. Quero lhe dizer, que por mais trancafiada que eles possam ter deixado minha bagagem, eu não me desvalidei dela. Hoje, mais que nunca, necessito das ferramentas que lá estão. Preciso recuperá-las. Faço isso pela minha Loucura. E, sobretudo, faço isso por você, meu caminhar... (A AUTORA, 2015).

Como identificar, socialmente, os sujeitos que dominam as linguagens sobre um determinado objeto? Quantos caminhos da nossa vida são considerados no processo cognitivo? Que sofrimentos psíquicos podem ser gerados no corpo humano

que não tem espaço de expressar seus conhecimentos de vida? O que a Saúde tem haver com processos cognitivos?

O modelo teleológico, aceito por diversos campos científicos, traça roteiros pelos quais a saúde encontra-se no final de uma determinada linha. Desta forma, busca-se um maior número possível de causas para, posteriormente, associar o maior número possível de efeitos doentios da natureza. Nessa concepção, ao percorrer apontada linha, que canaliza derradeiramente a saúde, os corpos inclinam-se sobre a não potência do existir.

O exclusivo paradigma de causa-efeito defeituoso, acaba desastrando, por diversos motivos, o olhar cuidador do profissional da área da saúde. [Do latim: dis + aster, que significa “contrário”, “inadequado” + “astro”]. Assim, ao desastrar o olhar, os profissionais e, por consequência seus pacientes, podem se tornar a causa inadequada do cuidar do corpo.

A linguagem científica, enquanto construção e desconstrução permanente, aqui, nessa monografia, é encarado como um navio que, se transformando, nos conduz ao navegável e, muitas vezes, inavegável oceano do nosso próprio inconsciente.

Nessas rotas, pega-se carona na viagem à busca de saberes que atenta-se mais à Saúde que aos fenômenos causa-efeito das doenças. E, nos percursos, encontra-se a orientação de um método carregado com linguagens científicas que consideram o pensamento afetivo.

Se o indivíduo que está mergulhado no caos de sua mente dissociada consegue dar forma às emoções, representar imagens as experiências internas que o transtornam, se objetiva a perturbadora visão que tem agora do mundo, estará desde logo despotencializando essas vivências, pelo menos em parte, de suas fortes cargas energéticas, e tentando reorganizar sua psique dissociada. (SILVEIRA, 1992, p.56)

Nise da Silveira, ilustre psiquiatra brasileira, atribuía grande importância às imagens. As imagens em si, como processo de síntese e não num momento de análise.

Análise¹ é quando se separa de um todo os seus elementos, dando significados apenas às partes.

¹ Verbete eletrônico. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=9bNY>>. Acesso em: 01 dez.2016.

A síntese², entretanto, reúne os diferentes elementos, tanto concretos quanto abstratos, e os funde num todo coerente. “Eu não examinava as pinturas dos doentes que frequentavam nosso ateliê sentada no meu gabinete. Eu os via pintar. Via suas faces crispadas, via o ímpeto que movia suas mãos”. (SILVEIRA, 2006, p.141).

Acredito que, fundir coerentemente o mundo concreto e o mundo abstrato é o desafio organizacional da Saúde Mental de um corpo.

E, as imagens que esse estudo procurará movimentar, a partir dos inumeráveis estados de ser da pesquisadora, pode ser considerado a tentativa da reorganização de uma psique dissociada.

“O ser tem estados inumeráveis e cada vez mais perigosos”, Nise da Silveira ao ler essa frase de Antonin Artaud, fez dos *inumeráveis estados do ser*, em meados do século XX, a imanente ideia da sua criação.

E, assim, nas palavras de Lucchesi, livrou o doente da doença. (MELLO, 2011).

A compreensão de certas vivências desconcertantes, imprevisíveis e de uma intensidade devastadora, como representativas de estados do ser, amplia de tal forma o pensamento do pesquisador atento as produções simbólicas, que torna desnecessário a busca por um enquadramento teórico baseado na patologização das experiências. (MELLO, 2011, p.117)

Para Antonin Artaud, escritor e dramaturgo francês, diagnosticado esquizofrênico pelas instituições psiquiátricas que frequentou no começo do século XX, para acabar com o juízo de Deus, a partir de sucessivas cartas destinadas aos seus médicos, declarou guerra aos seus órgãos.

No seu *Teatro*, denominado *da Crueldade*, a atuação deve acontecer no campo dos afetos sem uma dada ordenação.

O corpo, enquanto um campo do afeto, é onde encontram-se os estados singulares da sua própria percepção. O Corpo sem Órgãos (CsO), assim, seria um corpo não anatômico. E que, por ele, passa uma nova sensibilidade que se assemelha “ao dilaceramento mítico do deus Dionísio e aos sonhos iniciáticos dos Xamãs.” (SALLES, 2010, não paginado).

² Verbete eletrônico. Disponível em:
<<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=s%C3%ADntese>>.
Acesso em: 01 dez.2016.

Quem sou eu?
 De onde venho?
 Sou Antonin Artaud
 E basta que eu diga
 Como só eu o sei dizer
 E imediatamente
 Hão de ver meu corpo
 Atual,
 Voar em pedaços
 E se juntar
 Sob dez mil aspectos
 Diversos.
 Um novo corpo
 No qual nunca mais
 Poderão esquecer.
 Eu, Antonin Artaud, sou meu filho
 Sou meu pai,
 Minha mãe,
 E eu mesmo.
 Eu represento Antonin Artaud!
 Estou sempre
 Morto. Mas um vivo morto,
 Um morto vivo.
 Sou morto
 Sempre vivo.
 A tragédia em cena já não me basta.
 Quero transportá-la para minha vida.
 Eu represento totalmente a minha vida.
 Onde as pessoas procuram criar obras de arte,
 Eu pretendo mostrar meu espírito.
 Não concebo uma obra de arte dissociada da vida.
 (ARTAUD, 1999 p. 95)

Analisar loucamente e engolir sua própria vida, para assim fazer surgir, num processo de criação, uma outra vida mais potente é uma arte.

No artigo intitulado “*Esquizoanálise e Antropofagia*”, Suely Rolnik (2006), descreve sobre a lei transcendente e a lei maquínica antropofágica.

A primeira, impõe ao desejo imagens *a priori* que são extensivas ao movimento do desejo, o que gera um modo identitário de subjetivação figurativo. A segunda, por sua vez, como algo imanente ao nomadismo do desejo, orienta-se pelas intensidades produzidas no CsO, num modo antropofágico de subjetivação.

O processo de subjetivação vindo de forças que vem fora, por muitas vezes, despotencializa a existência do corpo. O corpo antropofágico, penso, porém, engole essas significações. E o corpo cartógrafo, dessa maneira, tenta descrever os processos de digestão.

“*Criar para si um corpo sem órgãos*”, talvez, seria a palavra, desconstruir. Cisão das palavras despotencializados num processo digestivo.

Aqui sim, analisar as imagens esquizas. Forças que vem de fora e podem

deixar rastros doentios. Esquizoanálise. Digestão. Para, posteriormente, sintetizar os nutrientes que o corpo em criação irá absorver e que, naturalmente, transformará as energias negativas em forças para viver.

E, vale ressaltar, a digestão, que transforma as substâncias em intensidades e as intensidades em substâncias, é um *continuum* no corpo. E, criar para si, buscar significações próprias para essas substâncias e intensidades é o *fazer saber* para encontrar o corpo sem órgão.

Só recentemente esta situação vem se tornando consciente, o que tende a levar à quebra do feitiço. Isso transparece nas diferentes estratégias de resistência individual e coletiva que se avolumam nos últimos anos particularmente por iniciativa de uma nova geração que não se identifica em absoluto com o modelo de existência proposto e se dá conta de sua manobra. É claro que as práticas artísticas – por sua própria natureza de expressão das problemáticas do presente tal como atravessam o corpo do artista – dificilmente poderiam permanecer indiferentes a esse movimento. (ROLNIK, 2006)

Mastigar, engolir, digerir, defecar as significações e subjetivações que diminuem a força de existir do corpo para, dessa forma, ser inimigo das organizações dadas, externamente, a ele.

Entretanto, o corpo totalmente desconstruído que conseguiu defecar todas as significações externas, o corpo povoado só por intensidade, o CsO é um limite. Porque as forças que vem de fora não terminam nunca de chegar ao corpo. Há sempre um estrato, atrás de um estrato.

Para Deleuze e Guattari (2010), esse limite não é se desfazer do organismo matando-o, mas atentar-se às significações despotencializadoras que penetram no corpo e tentam organizá-lo.

Nise da Silveira, ao publicar “Jung: Vida e Obra”, apresenta o conceito de energia psíquica que, para Jung, é a libido tomada num sentido mais ampla. É o valor psicológico do corpo com significado de intensidades, de relações inapreensíveis de movimentos, comparável à energia física, “é o instinto permanente de vida que se manifesta pela fome, sede, sexualidade, agressividade, necessidades e interesses os mais diversos.” (SILVEIRA, 1981, p.44)

Com isso queremos dizer que “há uma circularidade fundamental entre o conhecimento e o mundo conhecido que a ciência ignora.” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009 p.78). E, se tratando das potências de existir dos corpos humanos, muitas ciências estão mais para o controle que para a instigação.

No artigo denominado “Hacia una pedagogia del cuerpo vivido: la corporalidad como território y como movimiento descolonizador”, Facundo Ferreiros (2016) nos lembra que o corpo humano ao ser um território de encontro, horizontaliza as relações.

O corpo é expressão e abertura para as sensibilidades, extremidades e para os afetos. Entretanto, o corpo enquanto território ainda é um desafio.

A administração da vida e da morte disciplinarizada pelo biopoder, que concebe, desde anatomia, o corpo como objeto, dificulta o entendimento do sujeito-corpo-pedagógico.

Diferentemente, a educação pensada desde uma pedagogia do corpo vivido, acredita que a experiência não é mera informação, ela é o próprio processo do corpo e, por assim ser, é intersubjetiva. O corpo é o registro de todas as experiências vividas e por tanto possíveis. Devemos começar a pensar o corpo como uma unidade intencional e significativa.

Isto exposto, resta questionarmos onde ficam armazenadas os registros desses processos no corpo.

No livro “Cinema 1: a imagem movimento”, Deleuze, ao tentar classificar as imagens e os signos, nos apresenta uma ideia de imagem-mental:

É uma imagem que toma por objeto relações, atos simbólicos, sentimentos intelectuais. Ela pode ser, mas não é necessariamente, mais difícil que as outras imagens. Ela terá necessariamente com o pensamento uma nova relação, direta, inteiramente distinta daquela das outras imagens. (DELEUZE, 1983, p. 245)

Ao estudar cinema, Deleuze nos aponta as imagens como método de inclusão nos processos de apreciação e de conhecimento. E as imagens mentais/forças que vem de dentro/elementos do mundo abstrato, como objeto de relações simbólicas e sentimentos intelectuais, numa compreensão *cartografia*, pertencem somente ao corpo (humano, pesquisador, em pesquisa) que as carrega. E que, com suas imagens mentais, sempre segue viagem.

As forças que vem de fora/elementos do mundo concreto, entretanto, são as experiências de um outro corpo vivido. Experiências estas, contudo, que podem iluminar e auxiliar ou podem embaraçar e apagar certas significações das imagens mentais. As forças que vem de fora, por afetar as forças que vem de dentro, se decalca

no corpo e “o decalque já traduziu o mapa em imagem, já transformou o rizoma em raízes e radículas”. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.24).

2.1 ESQUIZA ANTROPOFAGIA.

Ao construir uma imagem da Saúde Coletiva, enquanto corpo que pensa e atua, a intenção é apontar as delimitações do corpo humano para ser considerado, socialmente, um corpo de desejos. Corpo constituído por suas necessidades e afetos. E, os afetos, enquanto processos de investigação da Saúde Coletiva, são os dos sujeitos que sofrem e celebram, diariamente, nos serviços de saúde, a desconstrução dos seus “objetos de conhecimento e de práxis”.

Assim, cartografar os afetos seria viver, sentir, conhecer para assim tentar descrever as ações e as paixões presentes no ato de produzir os modos de pensar e de estender a Saúde.

Escrever, com racionalidade emotiva, o que absorveu dos processos observados durante a pesquisa. Assim, cartografar pode ser tanto a atenção à atitudes nas quais age-se feliz por estar adequeado à causa e aos efeitos da suas ações, quanto também tensionar atitudes tristes que, por estar paciente às suas causas, tornam os efeitos não adequados a sua realidade.

Os modos de pensar, de acordo com Espinosa, “tais como o amor, o desejo, ou qualquer outro que se designa pelo nome de afeto do ânimo”(Spinoza, 2013 p. 52) são as afecções de uma substância. E só há ação, quando o agente for a causa adequada desse modo de produção. Ou seja, o modo e seu ato pelo qual se produzir Saúde é, por si só, a causa da natureza do agente.

Caso contrário, se o “agente” produtor de Saúde for mero instrumento no qual os efeitos dos seus atos não compreende a sua causa, o modo de pensar encontra-se passivo a sua extensão. E o profissional da saúde, assim, se torna a causa inadequada da sua produção Saúde.

Sobretudo, para cartografar as ações e as paixões dos corpos, penso seja necessário, primeiro, tentar cartografar as próprias atitudes alegres e tristes de se tornar um investigador rizomático.

Contudo, peço consentimento, para decalcar, aqui, algumas imagens mentais que afetaram o meu corpo a ponto de diminuir e aumentar a potência desse

agir cartográfico.

O corpo humano para ser considerado, socialmente, um corpo profissional necessita adentrar nos navios da Academia Universitária. E essas embarcações, enquanto várias naus que transportam linguagens, possuem consideráveis goteiras.

Logo no início, os primeiros encontros proporcionados nesses trajetos ligados ao navio da Graduação em curso, fornecem como objeto de proteção para a viagem um guarda-chuva. Entretanto, percebe-se que, no princípio, somente o suporte que segura o guarda-chuva é entregue - primeiras imagens sobre o objeto marcadas no corpo acadêmico - e os graduandos, juntos, a segurar seus suportes criam um agenciamento coletivo de enunciação.

No navegar, porém, os conteúdos ensinados e suas linguagens, dentro do navio, auxiliam na construção do cabo do guarda-chuva profissional - imagens organizacionais do objeto decalcadas no corpo ou *plano de consistência (grade)*.

Entretanto, a saia do guarda-chuva só será aberta e mostrada aos demais quando as imagens desenvolvidas sobre o objeto e sobre suas organizações fizerem sentido e forem significadas no futuro corpo profissional - Imagens-mentais do objeto mapeadas no corpo - Significado o corpo?! Está formado e aberto o guarda-chuva do corpo profissional. Agora, o agenciamento coletivo do desejo se formará pela junção de corpos a partir desse significado.

O guarda-chuva do corpo profissional é uma metáfora sobre os processos de formação que reparte o objeto e desconsidera a ontologia dos afetos na racionalidade.

O agenciamento coletivo de enunciação, assim como seu plano de consistência e seu agenciamento coletivo do desejo não necessita estar em separado.

Ao desmedir os afetos no ato de pesquisar, os tradicionais métodos científicos concebem a linguagem científica apenas como proteção. Ou mais, como um objeto que prevê onde surgirá os novos problemas.

Seus funcionários, os tecnocratas internacionais, mandam em nosso país: eles não são nem presidentes, nem ministros, nem foram eleitos em nenhuma eleição, mas decidem o nível dos salários e do gasto público, os investimentos e desinvestimentos, os preços, os impostos, os juros, os subsídios, a hora do nascer do sol e a frequência das chuvas. (GALEANO, 1987, p. 106)

Desse modo, quem caminha, com seu guarda-chuva profissional, não

necessariamente é aquele quem definiu os caminhos. O percurso foi determinado, muitas vezes, por um outro guarda-chuva. O outro definiu, previamente, as metas que o corpo acadêmico deverá encontrar no caminho ordenado, onde derradeiramente encontra-se a solução para aquelas goteiras.

E, assim, os métodos modernos, aconselham: use o cabo do guarda-chuva para se defender e, caso encontre uma goteira muito grande, abra ele próximo a cabeça! Porém, muito rente a cabeça, o guarda-chuva impede a visão dos outros olhares nas caminhadas pelos corredores do navio. E, o sujeito, que dessa maneira carrega o objeto, perde a oportunidade de enxergar novos horizontes através das janelas dessas naus.

Todavia, se o corpo acadêmico não tem medo de se molhar e vê o guarda-chuva profissional não como um objeto, mas como uma imagem que se movimenta e ganha vida no percorrer do caminho. Ao encenar um clássico do cinema, por exemplo, e convida a todos, nesta jornada, a cantar com ele “Singing in the rain”. Há, para esse louco, espaço na linguagem científica?!

As pulsões e objetos parciais não são estágios sobre o eixo genético, nem posições numa estrutura profunda, são opções políticas para problemas, entradas e saídas, impasses que a criança vive politicamente, quer dizer, com toda força de seu desejo. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.38)

Mas, como egresso do navio, o que fazer com o guarda-chuva do corpo profissional?! Isso dependerá da maneira pelo qual o corpo acadêmico encarou o cabo. É que o cabo, enquanto estrutura de formação, influenciará o manuseamento do guarda-chuva. Ele pode se constituir como um objeto meramente de proteção. Ou um instrumento, além de proteção, de criação a partir das imagens em movimento.

Segundo Passos, Kastrup e Escóssia (2009), a Ciência Moderna, em séries sucessivas de momentos em separados, dividiu em forma de tarefas a pesquisa em função dos seus objetos. (Coleta de dados, realizada? Passa-se para a Análise dos dados. Cumprida? Passe-se para a discussão sobre tais).

Diferentes, entretanto, são os cartógrafos dos rizomas da vida. Não é em função de dados objetiváveis que a pesquisa cartográfica caminha. Ela está inclinada na construção do processo de iluminar o mapa das imagens mentais.

Conforme os princípios que nos assinala um método do tipo rizoma, a *conexão e heterogeneidade*, permite a abertura dos mapas. Mapas construídos a

partir da experiência de um corpo vivido. “Qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo”. Um mapa, enquanto expressão de uma experiência, acredita que não exista uma língua-mãe arborescente que oferece o verdadeiro fruto. A linguagem evolui, por fluxo, “ao longo de vales fluviais” e está mais viva no subterrâneo onde faz-se conexões com múltiplos rizomas. E o que torna uma língua dominante é a tomada de poder dentro de uma multiplicidade política.

A *multiplicidade*, por sua vez, são as classes de palavras que atribui normas aos seres e por assim ser não possui sujeito nem objeto. Ela possui apenas determinações, grandezas e dimensões. Essas dimensões só crescem conforme mudam de natureza e, assim, não se deixa sobrecodificar numa unidade de medida. As multiplicidades, ao preencher o mapa, são planas. São as próprias variedades de medida sem cortes demasiado significantes a separar as estruturas. (DELEUZE; GUATTARI, 1995 p.42)

Ao conceber uma pesquisa à imagem de linhas, o *princípio de ruptura a-significante*, compreende as *linhas de segmentaridade* como aquelas que estratifica, territorializa, dá significado e organiza a investigação.

Entretanto, formando um rizoma, as *linhas de fugas* são as próprias multiplicidades da pesquisa e que, mudando de natureza, se desterritorializa.

Tais linhas estão em movimento, pois o processo de territorialização e desterritorialização é constante. No mais, porquanto, um mapa do tipo rizoma pretende não possuir um olhar dual ou dicotômico sobre o significativo. (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Contudo, o princípio de *cartografia e de decalcomania*:

Se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real. O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.43)

A cartografia, portanto, é um modo de mapear uma realidade. Ela pode acompanhar os processos de produção do corpo, narrando seus movimentos e intensidades de criação.

Segundo Fuganti³ (2014), um método do tipo rizoma deve criar uma escrita

³ Seminário especial: Educação, Subjetividades e Saúde. Disponível em:

em que o pesquisador se coloca, necessariamente, em acontecimento. Pois a cartografia é a descrição de como o pesquisador apreende o que acontece com os outros corpos e, dessa maneira, inventa uma arma para se pôr em devir.

No artigo “América Latina: nosso corpo tem raízes”, Edna Ferreira Lopes (2014) nos traz o conceito central de uma análise bioenergética como o processo de enraizamento e desraizamento do corpo.

O enraizamento, nessa visão, seria a possibilidade do indivíduo integrar-se à real condição de si mesmo seja no microespaço (indivíduo-ego-self), seja no macroespaço (família-sociedade-cultura).

No mais, Lopes questiona quanto o processo de colonização enrijeceu, brutalmente, a criatividade que pulsa nas veias dos corpos latinos, descrevendo alguns aspectos da cultura e da experiência de colonização como um risco a perda das particularidades presente nos povos latino-americanos.

A cultura europeia, advinda das navegações que invadiram e colonizaram os corpos latinos, partiu na história, desde o século XVI, as raízes desses corpos colonizados. Tais cisões caracterizam os processos de desraizamento do imaginário de um povo. Porém, através da dança, música, tecelagem, culinária, mitologia, do modo de viver, da percepção sobre tempo e espaço, na mesma história, há registros da resistência dessas raízes.

Paz (2014) nos faz lembrar que “as épocas velhas nunca desaparecem por completo e de todas as feridas, mesmo das mais antigas, ainda escorre sangue” desta maneira como pensar nos dias atuais esse corpo-herança desta cisão que separa, nega e faz esquecer o legado dos antepassados? Que fissuras permanecem nos corpos que impedidos de alimentarem-se da terra-mãe se veem sem raízes que lhe sustentem? De que forma realizar um caminho de valorização das matrizes restauradoras, tais como: o corpo, os símbolos, os mitos, a arte e tudo que constrói e nutre a identidade de um povo? (LOPES, 2014 p.52)

Os capilares ancestrais dos corpos que não se partiram por total, carregam, todavia, a potência desse imaginário sobre o sagrado, a natureza, a sensualidade, a arte?!

O modelo tradicional de pesquisa, nos moldes da ciência Moderna, não estancou as derramas dos sangues identitários feridos no processo de colonização. A Universidade da Integração Latino-Americana (UNILA), penso, porém possui forças

para elaborar novas técnicas de suturas.

3. SEGUE SUA NAU: LINHAS DE SEGMENTARIDADE E AGENCIAMENTO COLETIVO DE ENUNCIÇÃO.

Ao optar, a cabo, pela palavra “nau” e não navio, a intencionalidade do título neste capítulo é somente de destacar hipóteses repressivas da sexualidade.

Mundialmente famoso pelo conjunto de cachoeiras e uma hidrelétrica de grande porte, Foz possui a confluência de dois grandes rios: o Rio Paraná e o Rio Iguaçu, que se unem nesses confins.

Esse encontro, na lei dos homens, delimita o território de três Estados Nacionais. De um lado, Brasil. Do outro, Argentina. E, formando a região trinacional, o Paraguai. E de um lado a Argentina. Do outro, Paraguai. E, formando a região trinacional, o Brasil. E de lado o Paraguai. Do outro o Brasil. E, formando a região trinacional, a Argentina. Isso, conforme a percepção do meu corpo, dependendo do lugar onde se encontra. São múltiplas as possibilidades!

Nessa conexão das águas, eu, corpo humano, adentrei no ano de dois mil e doze. Tirei esse corpo do conforto materno do lar e o lancei ao “navegar é preciso” “riacho” da vida universitária.

Passara na UNILA. Acreditando, até então, na precisão (algo calculado) desse navegar. Adentrara no *charco* da Graduação em Saúde Coletiva (GSC).

Mal sabia, ao entrar nessa nau, que a impressão de precisão que carregara modificar-se-ia consideravelmente. Hoje, prestes a sair do navio, ainda acreditando no “navegar é preciso”, encaro, entretanto, esse preciso como o meu precisar. Desejo do meu corpo navegar a encontro de novas águas.

A UNILA, compreendida, por suposto na minha mente, sobre um riacho, começou a construir seus barquinhos em 2007. A criação do Instituto Mercosul de Estudos Avançados (IMEA), integrado ao Fórum Mercosul Universitário, impulsionaram discussões que culminaram no projeto de lei de criação da Universidade Latino-Americana.

Há dois lados na divisão internacional do trabalho: um em que alguns países especializaram-se em ganhar, e outro em que se especializaram em perder. Nossa comarca do mundo, que hoje chamamos de América Latina, foi precoce: especializou-se em perder desde os remotos tempos em que os

européus do Renascimento se abalançaram pelo mar e fincaram os dentes em sua garganta. (GALEANO, 1987, p. 89)

Segundo o mapa de navegação “A UNILA em Construção: um projeto universitário para a América Latina”, dos marinheiros da Comissão de Implantação da UNILA (CI-UNILA), foi no começo de 2008 que a Universidade Federal da Integração Latino-Americana começou a se territorializar.

A parceria com a Usina Hidrelétrica de Itaipu garantiu o apoio para a Universidade se estruturar em Foz do Iguaçu. E, com a instituição da CI-UNILA, pela Portaria nº 43 de 17/01/2008, esses aventureiros começaram a imaginar embarcações maiores.

A primeira reunião oficial da CI-UNILA, aconteceu nas terras de Brasília, em março de 2008. Houve destaque, nesse encontro, sobre a necessidade do olhar favorável à questão de quotas e ampliação do acesso a Universidade. *Quem poderá entrar nessas naus?* No mais, a diversidade étnica e cultural dessa comunidade acadêmica em formação deveria potencializar, a partir dos encontros entre esses corpos latino americanos, a construção do conhecimento.

O projeto político pedagógico da instituição deveria ser capaz de tirar proveito da diversidade étnica e cultural dos alunos e professores, os docentes deveriam se envolver na formação e que se promovesse o conhecimento técnico, artístico-cultural, social, cidadão e de saúde. (IMEA, 2009, p.67)

No terceiro encontro da CI-UNILA, em terras de Curitiba, maio de 2008, os primeiros objetivos dessa viagem UNILA rumo à filosofia enterrada pelos colonizadores, foi desenhado:

Constituir um espaço de diálogo e de reflexão sobre questões emergentes e os desafios comuns à América Latina, tornando a UNILA um *centro catalisador* de cientistas e pensadores de várias procedências. Promover a integração e cooperação internacional solidária, contribuindo para a geração de uma cultura de paz. Desenvolver um projeto pedagógico que enfatize a produção e difusão do conhecimento inter e transdisciplinar. Elaborar uma visão prospectiva da sociedade latino-americana, para o fortalecimento da região no cenário internacional. Valorização dos saberes tradicionais e das expressões socioculturais dos povos da AL buscando a equidade social e a cidadania plena. (IMEA, 2009, p.74)

O quinto encontro, por sua vez, também em terras de Curitiba, setembro de 2008, a Comissão de Implantação começa a pensar os princípios que norteariam a expedição UNILA.

Tais orientações levavam em considerações que os lemes, dessas futuras

caravelas, deveriam ser três eixos de formação: Um eixo seria o articulador, onde as pessoas, que ali estivessem remando, estudariam os princípios que justificam os porquês dessa caravana em começo de curso.

Em um segundo eixo, mais específico, os remadores estudariam as disciplinas básicas necessárias para sua navegação. E, por fim, o eixo das terminalidades.

Nesse último leme, os navegadores começariam a desenvolver sua formação específica. E, para que se pudesse transitar por entre os eixos: “as duas preocupações básicas na formulação desta estrutura foram a integração latino-americana com inserção profissional e a inter e transdisciplinaridade.” (IMEA, 2009, p.84)

Neste mesmo encontro, as contribuições do navio da Saúde Pública, começam a ser citadas para as naus UNILA.

Elenca-se, então, sobre “possíveis cursos de pós-graduação sob os temas: cidades; fronteiras; saúde pública; gestão em políticas públicas; políticas públicas e avaliação do ensino superior e gestão das águas”. (IMEA, 2009, p.85)

Também, nesse quinto encontro, há a sugestão para “que se crie no campus da UNILA um espaço cultural de convivência, essencial para a integração, assim como um espaço para a saúde e segurança dos alunos e funcionários.” (IMEA, 2009, p.85)

Em novembro de 2008, a CI-UNILA, em Curitiba, se reúne pela sexta vez e, nesse encontro, o presidente da comissão relata que os cursos, dessa expedição, serão estruturados por ciclos: ciclo básico e ciclo profissional. E, com a concordância do Ministério da Educação (MEC), todas as habilitações seriam voltadas para integração da América Latina. (IMEA, 2009, p.86)

Como proposta de início imediato, o navio da Saúde Pública volta a ser citada nessa construção. Com apoio do Ministério da Saúde (MS) e de especialistas da Fundação Osvaldo Cruz (Fiocruz) e da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), este curso começa a ser traçado.

Ainda em terras de Curitiba, no mês de dezembro de 2008, o sétimo encontro do planejamento da tripulação, levanta um questionamento pertinente, para esse mapa monográfico: “*sendo a linguagem da globalização impessoal, como fica a diversidade linguística diante deste quadro?*”.

A pergunta foi trazida por Carlos Antunes após o debate que a CI-UNILA

estabeleceu sobre políticas culturais e políticas linguísticas:

Prof. Gilvan: O currículo hoje deve ser uma discussão mais aberta: 1) metodologias de ensino – metodologias de projetos, atualização constante dos currículos, alterando ordens e sem grandes alterações. Um quadro diferente à grade de disciplinas; 2) política de estágios: em chancelarias, embaixadas – rede de atuação em organizações internacionais, órgãos gestores da educação linguística; 3) Um primeiro ciclo já se envolvendo com as questões da América Latina. Tenho preocupação recorrente com o quadro de professores e com um primeiro ciclo já voltado à inserção dos profissionais no seu curso.

Paulino Motter: Mas vamos criar demandas? Grupos linguísticos?! a metodologia de projetos e políticas de estágios deve estar preferencialmente nas escolas antes de se pensar nas organizações ou instituições governamentais

Prof. Gilvan: Tem visto que a integração ocorre via Estado – presença forte ainda na política linguística e cultural e que o Estado é sim fundamental na configuração das estruturas de poder e nas formações das políticas linguísticas. Isto vem gerando inclusive projetos interministeriais voltados à diversidade linguística

Prof. Hégio: Existe uma confusão entre trabalho técnico e o peso do Estado nacional, é uma questão complexa! Nem sempre estar vinculado a políticas pode garantir uma atuação nas políticas linguísticas.

Carlos Antunes: Me preocupa este quadro de uma sociedade globalizada! O conhecimento é a chave para sustentação das culturas.

Mercedes Canepa: Me preocupa essa relação à inovação dos cursos! Será que existe profissionais preparados para a nova graduação nos moldes apresentados?! (IMEA, 2009, p.89)

No terceiro dia desse sétimo encontro, a discussão sobre os Grupos de Trabalhos (GTs), iniciadas no dia anterior, sobre a criação dos cursos que serão introduzidos nessa expedição, é retomada. A pertinência do desenvolvimento imediato do GT de “Saúde Pública” é enunciada pelo presidente da Comissão após reunir-se com o MS.

Em janeiro de 2009, Curitiba, a oitava reunião oficial da CI-UNILA listou os GTs em encaminhamento:

Saúde Pública (GT funcionando); Produção Agrícola e Segurança Alimentar (GT a ser formado); Línguas (GT a ser formado); Sociedade, Política e Estado na América Latina (GT funcionando); Relações Internacionais (GT funcionando), Políticas Públicas e Esporte (GT a ser formado); Ecologia e Biodiversidade (GT a ser formado); História e Pensamento Social na América Latina (GT a ser formado); Economia, Desenvolvimento e Integração Regional (GT a ser formado). (IMEA, 2009, p.85)

Quatro meses depois, na décima reunião, Curitiba, em maio de 2009, aparece, pela primeira vez, a Saúde Coletiva:

Márcia Sakai, Diretora de Gestão do Trabalho e Educação em Saúde passa a apresentar uma síntese do relatório da reunião consulta do Ministério da Saúde. Ela explica que o ministério contribui bastante com países de língua portuguesa e com o Mercosul e também que o SUS funciona também como um ordenador da formação de profissionais, ou seja, fazendo a gestão do trabalho e da educação destes profissionais. Márcia Sakai afirma que todos os participantes da reunião de Itaipu entenderam que a Unila permite ir além das fronteiras, sendo um espaço de reflexão e produção do conhecimento. (IMEA, 2009, p.89)

Nesse encontro, levanta-se o questionamento sobre a posição do MS na criação de um curso nesta área e a representante do MS, Márcia Sakai, afirma que a maior contribuição da UNILA será na pós-graduação e na liderança das redes de observatório.

Entretanto, o Prof. Hélgio Trindade salienta que tais redes podem conviver com a graduação e a pós-graduação, garantindo:

É importante conhecer essas novas experiências de graduação que estão sendo criadas no Brasil e que a Unila buscará criar um curso de saúde coletiva, mesmo com todas as dificuldades, e que agora os esforços devem ser concentrados na criação da Cátedra a ser fundada por Maria Isabel Rodriguez. (IMEA, 2009, p.100)

Além disso, uma integrante da Comissão reforça que o curso na área da Saúde deve começar já no próximo ano, em 2010, e os integrantes da CI-UNILA deverão escolher o perfil deste curso.

Contudo, a décima primeira reunião e a última que nos aponta o mapa “*A UNILA em Construção*” foi realizada dos dias 23 a 25 de junho, pelas terras de Foz do Iguaçu, no ano de 2009.

Nesses dias, os trabalhos realizados pelos Grupos de trabalho (GTs) de criação dos cursos foram apresentados e, em uma organização preliminar, a CI-UNILA enquadrou as graduações considerando as grandes áreas do conhecimento e a Saúde Pública Coletiva, dessa forma, foi colegiada para posterior sistematização:

Organização Preliminar Realizada pela Comissão, para posterior sistematização, considerando grandes áreas e as licenciaturas em separado: Área de Ciências e Engenharias: Biologia Transdisciplinar (duas ênfases): Biologia Molecular, Genética e Evolução Ecologia e Biodiversidade. Ciência, Tecnologia e Inovação; Saúde Pública ou Coletiva; Agricultura Familiar, Produção Agrícola e Segurança Alimentar; Engenharia Ambiental: ênfase em recursos hídricos, Engenharia Química: energias renováveis, Engenharia de

Infraestrutura. (IMEA, 2009, p.105)

Os trabalhos do GT Saúde Pública ou Coletiva nos indica que os integrantes desse GT, em 2009, não possuíam clareza sobre as diferentes rotas que envolvem a Saúde Pública e a Saúde Coletiva.

Entretanto, em 2012, ao abrir, a cabo, os caminhos da Saúde Coletiva, a CI-UNILA assegurou, pelo menos sob influências das águas de Foz do Iguaçu, a criação de novos corpos nas embarcações Saúde.

3.1 MÚLTIPLA NAU DA LINGUAGEM

Nas linhas dessa cartografia, sigo viagem. E vejo a história da Saúde Pública navegando ao encontro do oceano Atlântico. Os navios que trouxeram uma linguagem tecno-cientista e biomédico, até hoje hegemônico, para conceber o que é saúde nos corpos, foram construídos ao modelo de seus ancestrais. Aqueles que “descobriram a América”.

Podemos pensar o modelo biomédico, acima citado, semelhante ao termo ou o conceito de biopoder de Michel Foucault que, ao investigar um determinado momento da história do Ocidente, sobretudo a partir do final do século XVIII, nos traz elementos para entendermos ou compreendermos a Biologia como uma ciência com as características da ciência Moderna e, neste sentido, nos torna possível mapearmos uma estrutura de poder e de conhecimento referentes aos corpos não europeus.

Assim, podemos pensar nos comandantes europeus e suas naus que, ao virem da Europa para a América, estabelecem um tipo de relação aos corpos humanos nesta região.

Utilizamos de outra *imagem-mental*, referindo à Foucault, para territorializar uma parte dessa história à figura de navios em navegação. Navios europeus das linguagens “embarcações Saúde Pública”, que se movimentam e aportam em terras Latinas.

Com ajuda de Foucault, torna-se possível observar que ainda no século XVIII prevalecia dentro das embarcações a teoria da soberania. Assim, o conclamado soberano possuía o direito de matar, pois enxergava o corpo dos seus marujos nem como vivo, nem como morto. O súdito, na verdade, era neutro.

Nesse momento da história cabia ao monarca selecionar quais corpos teriam o direito de permanecer no navio ou de ser enforcado no pátio da embarcação e em público ser lançado ao mar. Politicamente, dessa forma, a este soberano estava garantido o direito de fazer morrer e deixar viver os corpos nos navios. (FOUCAULT, 2010, p.202)

A transformação dos direitos políticos, não obstante, gerada no limiar do século XVIII para o XIX, permitiu que a condução nessa náutica mudasse de capitães. Os novos dirigentes dessas embarcações, assim, estatizaram a concepção do biológico dentro das caravelas, pois é nesse momento da História do ocidente, mais especificamente da Europa, é que surgem os hospitais marítimos e a quarentena.

Encontra-se aí o poder da disciplina, que toma o corpo do homem para observação e análise, aquilo que Foucault chamará de homem-corpo, em que se desenvolve um poder de capturar todos os detalhes do corpo para ser observado, estudado, mensurado e concebido a partir de uma técnica que ele chamou de anatomopolítica dos corpos.

A partir dessa concepção de uma anatomia política, Foucault aponta a maneira que se desenvolve uma distribuição espacial dos corpos individuais e esse modelo que agirá sobre o corpo humano, criado no final do século XVIII, se tornará responsável por separar, alinhar, vigiar e colocar em série “a organização de todo um campo de visibilidade entorno desses corpos individuais.” (FOUCAULT, 2010, p.210)

A intenção dos capitães neste navio, portanto, passou a ser a de aumentar, por meio da tecnologia disciplinar do trabalho, a vida útil da tripulação em separado.

Com a disciplinarização, à passagem do século XVIII para XIX, significações sobre a concepção do corpo humano foram respaldadas por determinados campos de saberes e práticas. E os campos de aplicação do biopoder, desse modo, acabaram se constituíram como as maiores forças conducentes e significantes. (FOUCAULT, 2010, p.218)

Nessa nau da saúde, antes do século XVIII, restavam aos pobres as instituições assistenciais consideradas morredouros. A medicalização das alas hospitalares, a partir dessa época, entretanto, fez da disciplina um instrumento de modificação com função terapêutica, advindo de um instrumento misto de exclusão assistencial e transformação espiritual.

A partir daí, surgirá os hospitais nos moldes que ainda hoje conhecemos, considerando os desdobramentos que a máquina hospitalar tomou no curso da

história nesses últimos séculos.

O biopoder ou biopolítica teve início no final do século XVIII e início do século XIX e esses conceitos, desenvolvidos por Foucault (2010) pela primeira vez nas suas aulas no College de France, resultou no livro “Em defesa da sociedade”.

Por meio desses conceitos, Foucault demonstrará a maneira que se desenvolve, no Ocidente, um novo conjunto de medidas e técnicas que passam a agir sobre o corpo da *população*, no sentido de atuar na fiscalização da vida.

A biopolítica, não se inclina mais sobre o indivíduo como era a anatomopolítica, mas começa a se pensar nas grandes massas populacionais, ou seja, no homem-espécie e é isso precisamente que Foucault chamará de Biopoder.

Agora, os tripulantes não são mais homem-corpo-indivíduo, tornando-se corpo-espécie-população. Associar o processo de natalidade, de fecundidade, de mortalidade, de longevidade aos problemas econômicos e políticos foi um dos primeiros objetivos dessa biopolítica em formulação.

No final do século XVIII, a preocupação da força significativa, contudo, voltou-se às doenças. Doenças que podem atrapalhar a navegação. A atenção dos capitães das “embarcações Saúde Pública” inclinou-se a descobrir a forma, a duração, a intensidade e a natureza dessas doenças. “Mas como a morte permanente, que se introduz sorrateiramente na vida, a enfraquece e a diminuiu”. (FOUCAULT, 2010, p.221)

Os atos de extermínio não são mais teatros públicos organizadas pelo soberano. O ritual de morte, em nomes religiosos, irá acontecer em lugares privados. Assim, já não é mais através do *direito de fazer morrer* que os capitães dos navios selecionam os corpos que tem direito a permanecer na embarcação. Depois do século XIX, é o *poder de fazer viver e deixar morrer* que conduz as naus.

Contínuo e cientificamente embasado, o *poder de fazer viver* é a regulamentação dos corpos vivos e mortos dentro dos navios. Aí também surgirá lentamente a “*Manifestação do poder biomédico na desqualificação progressiva da morte*”. (FOUCAULT, 2010, p.222) O velamento, permitiu o biopoder conceber a morte do corpo como um limite e, desse modo, pegar para si o *direito de intervir para fazer viver* ou *deixar morrer* a tripulação.

No começo do século XX, os Estados Unidos (EUA) se aprofundou no dedicar ao olhar das doenças e ao direito de intervir para *fazer viver*. A partir do processo de reformulação da pedagogia de formação médica, o Relatório Flexner, de

1910, enfatizou esse poder propondo que os estudantes de medicina, nessas “embarcações da linguagem Saúde Pública”, devessem ter suas formações vinculadas, sobretudo, aos laboratórios e às instituições hospitalares. Pois isso, evidenciaria o salutar da racionalidade científica. (PAGLIOSA; DA ROS, 2008).

Em meados da década de quarenta, para fazer frente aos crescentes custos econômicos dessa formação flexeneriana, surgem as naus da formação medicina preventiva.

O modelo preventivista, originário também nos EUA, por meio de estudos sociais, epidemiológicos, educativos e de equipe, procurou estimular atividades preventivas sem desvincular-se, entretanto, do convívio e da articulação com a medicina tecnológica. (PIRES-ALVES; ASSUNÇÃO; FALLEIROS, 2010).

Com o apoio da Organização Pan-Americana (OPAS), da Fundação Kellogg e da Fundação Ford, o modelo preventivista introduziu, dentro dos navios, a epidemiologia e a estatística nos estudos em Saúde incorporando, lentamente, os elementos das Ciências Sociais nas pesquisas sobre agente/ambiente/hospedeiro da doença.

No mais, as naus do modelo preventivista, inclina-se a estudar o controle de alguns eventos e de determinadas doenças. Com foco, sobretudo, às populações marginais e aos trabalhadores para garantir a produtividade da sua força de trabalho.

Aquilo que a Medicina Preventiva procurou separar entre as esferas de saúde pública e saúde individual, a Medicina Comunitária fundiu.

O modelo da Medicina Comunitária surgiu na década de 1960, nos EUA foi responsável por incorporar a assistência médica individual à saúde pública daquele país, por meio da prestação de serviços à comunidade, programas assistenciais destinados à contenção da pobreza, mobilização dos recursos locais e estímulo à participação dos usuários no controle da gestão dos serviços.

O movimento da Medicina Comunitária estendeu a assistência médica, com racionalização, a amplas camadas da população, porém sem afastar-se do neoliberalismo, o modelo ainda favorece a acumulação de capital na indústria da saúde.

Com esse olhar sobre o corpo humano e a racionalidade do cuidado, aportam nos mares brasileiros, as “embarcações Saúde Pública”. Tais navios de linguagens transportam, até os dias atuais, a saúde enquanto capital europeu ou norte-americano.

É a América Latina, a região das veias abertas. Desde o descobrimento até os nossos dias, tudo se transformou em capital europeu ou, mais tarde, norte-americano, e com tal tem-se acumulado e se acumula até hoje nos distantes centros de poder. (GALEANO, 1987)

Das lamas deixadas pelas movimentações desses navios, entretanto, pode emergir corpo Saúde Coletiva. E, como modo de pensar, a Saúde Coletiva é afecção de um atributo latino-americano.

Como campo de saber y ámbito de prácticas, tuvo su desarrollo histórico en América Latina durante las tres últimas décadas a partir de la crítica al modelo médico hegemónico, a los movimientos ideológicos referentes a la Higiene, Medicina Preventiva, Medicina Comunitaria, Medicina Familiar, como también con relación a la salud pública institucionalizada (DONNANGELO, 1983 apud PAIM, 2011, p.154)

Para refletir tal contexto da América Latina, podemos tomar como referência Santiago Castro-Gómez, um estudioso que abordou uma outra visão organizada sobre o mundo que predominava nessas terras antes de 1492.

A natureza, o homem e o conhecimento eram um todo interrelacionado, no entanto, o sistema-mundo-capitalista herdado dos navios colonizadores, trouxe o corpo humano e a natureza ontologicamente separados e o conhecimento como uma função de exercer um controle racional sobre o mundo.

Deste modo, as práticas de ensinar e aprender não tem mais por finalidade a compreensão das conexões ocultas entre o homem e a natureza, mas sim a decomposição da realidade tentando dominá-la. Assim, “as disciplinas constroem suas próprias mitologias.” (CASTRO-GÓMEZ, 2007, p.83).

Pensar a partir de uma descolonização epistêmica, porém, suscita questionamentos de quanto a universidade reproduz esse *sistema-mundo-capitalista* por meio do pensamento disciplinar e organizacional, que reforçam uma hegemonia cultural, econômica e política, como heranças coloniais das ciências sociais e humanas. E, por que não médicas?!

Para Vieira da Silva, Paim e Schraiber (2014, p.9), “o caráter político da Saúde Coletiva não pode ser ocultado. O que ocorre com a medicina quando apela para a cientificidade das ciências naturais.”

Por meio de metarelatos, as ciências coloniais têm as vantagens científicas e tecnológicas que dão o direito de educar moralmente um povo, ao gozar, com condições de vida, desse progresso moral da humanidade.

Para desconstruir, entretanto, a pirâmide do modelo moderno/colonial de conhecimento que gera a colonização do saber, do poder e do ser, a transdisciplinaridade e diálogo transcultural se faz imanente.

Um diálogo transcultural permite o intercâmbio cognitivo entre a ciência ocidental e formas pós-ocidentais de produção de conhecimento, ao transpassar a visão analítica para começar a pensar genealogicamente crenças filosóficas descolonizadas, a partir de um ponto de vista de dentro.

Certamente que não haverá campo científico contemporâneo mais justificadamente transdisciplinar do que a Saúde Coletiva, nem objeto de conhecimento com mais alto grau de complexidade que os integrais de saúde-doença-cuidado. O "complexo saúde-doença-cuidado" é um daqueles objetos indisciplinados, não-lineares, múltiplos, plurais, emergentes, multifacetados, que exigem dos pesquisadores um tratamento sintético e totalizante. (ALMEIDA FILHO, 2005, p. 42)

O autor, ao explicitar o paradigma da complexidade, a partir da teoria do caos e não da linearidade, aponta que o científico alternativo traz a noção de transformação do paradigma disciplinar na Saúde e, ao defender a transdisciplinaridade, referencia que a democracia cognitiva acontece entre, através e além das disciplinas, pois nenhum conhecimento é mais importante que o outro. Assim, o corpo acadêmico teria o trânsito livre entre um campo de saber e outro.

Complementa, ainda, que a ciência deve respeitar a complexidade inerente aos processos concretos da natureza, da sociedade e da história. Por conseguinte, para que a linguagem científica consiga traduzir um pedaço desse caos, necessita de novas formas lógicas de análise.

Para Castro-Gómez (2007), o paradigma do pensamento complexo concebe que cada um de nós é um todo físico, químico, biológico, psicológico, social, cultural integrado no complexo enredo do universo.

Assim, a universidade que preceitua essa integração transcultural necessita, primeiramente, fazer uma flexibilização transdisciplinária do conhecimento.

De acordo com Luz (2009, p.306), "a Saúde Coletiva pode ser caracterizada por sua irredutibilidade tanto discursiva quanto prática e expressiva de sua produção a um modelo ou paradigma único. "

Segundo a autora, a partir de temas estratégicos para a vida humana e social, a transdisciplinaridade proporciona uma produção discursiva comunicativa

horizontalizada entre os saberes disciplinares.

Romper o paradigma disciplinar camuflado de interdisciplinar é um dos grandes desafios pedagógicos de uma universidade originalmente transcultural, como a UNILA.

Enquanto comunidade de uma Instituição que se propõe de Integração, diariamente na UNILA convive-se com a multiplicidade dos encontros, definida de forma análoga por Silveira (1981, p.78), quando se refere “as múltiplas linhas de desenvolvimento psíquico partem de um tronco comum, cujas raízes se perdem muito longe num processo remoto.”

A comunidade acadêmica origina das mais diversas regiões da América Latina e do Caribe e cada corpo unileiro, que por essas terras dos Rios se encontram com outros corpos, carrega consigo suas vivências e domínios de ações em congruências com suas próprias percepções de mundo.

Afirma Maturana (1998, p.8), cientista da concepção amorosa da biologia ou Biologia do amor, “não há ação humana sem uma emoção que a estabeleça como tal e a torne possível como ato [...] as emoções são domínios de ação em que um animal se move”.

Para esse pensamento, o ser humano por possuir distintas disposições corporais, que o constituem e o realizam, torna-se capaz de assumir diferentes domínios de ações. Tais domínios de ação, podem ser as imagens mentais, repletas de afetos, que o corpo mapeia como aprendizado a partir de uma vivência.

O segredo da Saúde Mental do corpo, talvez esteja na escolha da forma de decalcar, em algum mundo, as suas emoções.

No entanto, a vivência e seus infinitos afetos é imensurável, o corpo não suporta carregar todo o sentido. Por isso, a natureza o parte e deixa no corpo somente o que é da sua essência.

Sabidamente, assim, o corpo divide a vivência e, por consequência, o que for permanecer como aprendizado. É um domínio da própria natureza e o conhecimento incorporado servirá para garantir a sobrevivência do corpo.

Porém, mais que conhecer, o corpo sente a necessidade de criar a partir dessas vivências, posto que, segundo Espinosa (2013, p.55), “a substância pensante e a substância extensa são uma só e mesma substância, compreendida ora sob um atributo, ora sob outro”.

Para o autor, o corpo e o pensamento são atributos diferentes de uma

mesma substância e a maneira pelo qual damos significado a esses atributos indicará o modo de compreender a substância.

Neste sentido, a UNILA possui corpos advindos de mais de quinze diferentes nacionalidades e, por essa peculiaridade incitadora, compreende-se que suas culturas devem ser consideradas na construção do conhecimento.

Entretanto, a realidade acadêmica, muitas vezes, acaba por valorizar modelos cognitivos que preexistem às imagens mentais do corpo, modelos nos quais a explicação da existência de um determinado fenômeno independe da distinção que tal fenômeno provoca à essas imagens. Este paradigma, arremata um distanciamento do observador ao evento observado e termina por prezar uma racionalidade pouco emotiva.

Percebe-se que a supervalorização de uma razão científica, que intencionalmente se coloca como neutra em detrimento da emotividade presente no ato de conhecer, gera relações acadêmicas hierárquicas.

Desse modo, tal hierarquia se coloca não como uma relação social, mas como uma relação de obediência. Assim, vê-se que, não há relação social na comunidade acadêmica, quando àqueles que possuem melhores acessos às pretensas verdades adotam uma postura de privilégio em relação aqueles, que por variados fatores, não os possuem.

O amor é o fundamento do social, mas nem toda convivência é social. O amor é a emoção que constituiu o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência, e é esse modo de convivência que conotamos quando falamos do social. Por isso, digo que o amor é a emoção que funda o social. Sem a aceitação do outro na convivência, não há fenômeno social. (MATURANA, 1998, p.23)

Observar o mundo a partir de uma realidade independente das vivências do corpo é estimar mais às referências que às experiências. A razão é emocional! Acreditar nisso é loucura?! Para tanto, Castro-Gómez (2007, p.97) aponta que *“el conocimiento que es hegemónico no lo produce ya la universidad bajo la guía del Estado, sino que lo produce el mercado bajo la guía de sí mismo.”*

Retornando à viagem dos navios, a Saúde Coletiva, enquanto corpo, circula nas “embarcações Saúde Pública”, pois, para existir como profissão, necessita adentrar no sistema que essas embarcações trouxeram. Entretanto, há corpos que, quando saltam das naus, visualizam os rastros de morte deixados pelas expedições e,

nesse impacto da queda, despedaça o seu corpo.

Portanto, para regressar a essas embarcações e começar a trabalhar de novo, a propósito de modificar a própria visão e propor rotas não doentias, o corpo despedaçado precisa, primeiro, se reestruturar. Emergir da lama e regressar ao caos. E esse processo pode ser doloroso e destrutivo ou doloroso e catártico, entrecruzando com as rotas elegidas.

3.2 A NAU DA LOUCURA QUE CURA

Questiona-se, a partir da abordagem deste estudo, o que aconteceria se um corpo Saúde Coletiva adentrasse numa louca nau? Seria possível fazer um agenciamento coletivo de devires nessa expedição?

No século XVI, o filósofo Erasmo de Roterdã (1982) descreve no livro “Elogio da Loucura” que ela, a loucura, como influência divina, mergulha deuses e homens na alegria.

A narrativa é da própria loucura, afirmando que a si não cabem definição nem retórica e buscar defini-la é impor limites e cópias as forças que ela mesma desconhece.

Ao reportar à Nietzsche (2016), podemos dizer que viver na Terra, inevitavelmente, gera dores e pode gerar duas espécies de sofrendores: os da superabundância de vida e os do empobrecimento da vida.

Os primeiros, para entender suas dores, anseiam uma arte dionisíaca e possuem uma visão trágica da vida interior e exterior, ao passo que os demais, por sua vez, convocam um conhecimento e uma arte silenciosa para esse processo de compreensão. Entretanto, sobre um suposto mar tranquilo, os empobrecidos da vida são capazes de provocar embriaguez, convulsões, cisões e loucuras.

Essa loucura é que cria as cidades, essa loucura é que sustenta os impérios, as leis, a religião, os conselhos, os tribunais; numa palavra, essa loucura é que constitui a base e o fundamento da vida humana, essa loucura é que governa a seu bel-prazer o universo. (ROTerdã, 1982, p 46)

Elogiando uma loucura superabundante de vida, Nietzsche se agencia com Erasmo de Roterdã. Ao calcular a loucura enquanto um novo gênero de nobreza da alma, Nietzsche vê a natureza da loucura como arte. E ama-se a arte quando ela é a

fuga diante do homem. É o sarcasmo do artista contra o homem ou contra si mesmo. Para Nietzsche (2016, p.255), “toda arte, toda filosofia podem ser consideradas remédios e auxílios a serviço da vida em crescimento. ”

De acordo com Nietzsche o riso pode alinhar-se à sabedoria. Entretanto, a comédia da existência, por continuarmos na época da tragédia, das morais e das religiões, ainda não se tornou consciente de si mesma. Há centenas de anos, a tradicional ciência empobrecida de vida concebe tudo o que o homem faz como a mais visível sabedoria. Desse modo, a tirania da verdade científica é capaz de conferir valor à mentira. E, a crescente aparição de “instigadores de lutas pelas morais”, leva o filósofo a questionar o que significa a organização desse teatro social.

A verdadeira prudência consiste, visto que somos homens, em não querermos ser mais sábios do que o que permite nossa natureza. É preciso suportar pacientemente as loucuras da multidão, ou deixar-se levar com ela, pela torrente dos erros. “Mas, direis vós, é loucura comportar-se assim”. Convenho, contanto que vós convenhais ser isso o que se chama representar a comédia da vida. (ROTTERDÃ, 1982 p. 49)

O conceito de Grande Saúde, da Gaia ciência, ao sentir-se uma artista vira as costas para as doenças. Para Nietzsche a grande Saúde é praticada por aquele cuja alma está ávida, aquele que quer conhecer, por meio das aventuras da experiência mais pessoal, uma saúde sempre nova.

Conforme o filósofo, a grande Saúde criaria nos corpos humanos, como recompensa, um país desconhecido. Esse território, como um mundo rico em coisas belas, estranhas, duvidosas, terríveis, divins e que não reconhece as fronteiras

Em acordo, Deleuze e Guattari (1995, p. 36), afirmam que “tanto o delírio, ou romance, é histórico-mundial, e não familiar (deliram-se as raças, as tribos, os continentes, as culturas, as posições sociais...). ”

A Saúde, a ser entendida como um objeto ampliado, essencialmente, torna-se transcultural. Faz-se o tempo de uma dissociação prática do conceito saúde/doença. Dentro de um contexto social, produzir cuidado à Saúde requer ações diferenciadas das que, corriqueiramente, são produzidas em atribuição as doenças.

Viver a Saúde demanda atividades coletivas e integradoras. Afinal, ninguém, ao certo, sabe o que é Saúde. Dessa forma, o pensar Saúde pode encontrar-se no processo de criá-la.

Desta maneira, a Saúde pode se fazer presente no exercício da

criatividade. No incentivo, de forma sensível e humana, do poder de cura presente em cada um. São as forças autocurativas, autoimunológicas. (PORDEUS, 2012).

A Saúde, enquanto processo criativo, é apontar outro significado e outro significante para as ações de cuidado à Saúde.

Para Wanderley (2002), psiquiatra criador do Espaço Aberto ao Tempo, no atual Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira, Engenho de Dentro, Rio de Janeiro, a arte, dentro de uma linguagem orgânica, acaba por revelar a nós mesmos.

Nessa revelação, não há nem espectador nem objeto, mas uma relação que se estabeleceria entre os dois, que acaba, dessa maneira, com o mito do artista. A arte, enquanto linguagem orgânica, desbloqueia o movimento livre da emoção, gerando assim, a estruturação do *Self* como uma experiência que amplia o contato afetivo com a realidade pois é, necessariamente, um processo relacional.

De acordo com Nise da Silveira, estudiosa de Carl G. Jung, o *Self* é o centro ordenador do inconsciente coletivo, no qual emana inesgotável fonte de energia. De acordo com Jung o *Self* pode ser tanto inconsciente, quanto perceptível.

Com tudo exposto, acredito que o *self* seja a essência infinita de Deus atribuídas à determinados modos de pensar em um corpo finito. E são essas consciências divina que podem ser inconscientes e também perceptíveis.

A descoberta do inconsciente por Freud marcou uma das grandes quebras da modernidade na opinião de alguns autores. Assumir que as pessoas, os trabalhadores de saúde, também agem movidas por reações inconscientes, que elas próprias desconhecem, e sobre as quais não detêm o controle mudará nossa forma de abordar os equipamentos de saúde e as relações que ali se desenvolvem. O reconhecimento da dimensão inconsciente mudará nossas análises. (CAMPOS, 2014, p.83)

Rosana Onocko Campos, acredita nas potencialidades que podem ser extraídas ao colocarmos, em contraste referencial, a Saúde Coletiva e a Psicanálise. As crises subjetivas, que desvelam novas formas de sofrer e de adoecer, apontam para a invenção de estratégias potentes para esses processos de subjetivação, que provoca sentimentos de exclusão e que impedem a conectividade humana.

E qual é o interesse da Saúde Coletiva nesses processos de subjetivação da sociedade? Compreender as significações imaginárias, presente na subjetividade das políticas, dos programas ou dos serviços de Saúde com os quais trabalha, é um início para propor mudanças coletivas na organização.

Portanto, a Graduação em Saúde Coletiva (GSC), pode ser, na educação, uma proposta de criação de outras concepções sobre o corpo humano a favor das linhas da Saúde. Da Grande Saúde.

Pode ser a criatividade, na atenção, a procura da potência curativa inerente aos modos de pensar e de agir do corpo humano. De uma linguagem superabundante de vida.

Pode ser o cuidado, na gestão, à corpos que se abrem para o catalisar dos afetos reais. E, assim, nos encontros de tomadas de decisões, permita-se avivar uma Saúde sempre nova.

Torna-se necessário conseguir que as equipes façam práxis em sua própria prática, mantendo ativas e abertas as perguntas: para quê serve? o que estamos produzindo? Como conseguir isso se as equipes não têm um espaço onde possam analisar suas próprias dores de trabalhar, de ver, de ter e de saber – todos os dias – que toda essa injustiça e essa desigualdade e essa pobreza de todas as ordens? As equipes que trabalham nessas regiões periféricas e desfavorecidas necessitam ativamente de dispositivos desalienantes. A gestão entendemos não como mera administração dos seres e das coisas, senão mais bem como um dos modos de produzir as necessárias articulações clínico-políticas na ingerência do cotidiano. (CAMPOS, 2014 p. 37)

Ao compreender um dispositivo não pela sua relação concreta de poder, mas pelo agenciamento de desejo, muda-se o entendimento sobre a potência dos encontros necessários para essas articulações clínico-políticas, tendo em vista que, para Deleuze (1994, p. 52), é o desejo que agencia o campo social e é por meio dele que acontece a simbiose entre os diferentes corpos.

Contudo, acreditando no princípio da sincronicidade de Jung que designa uma coincidência significativa ou uma equivalência de um estado psíquico de um estado físico (SILVEIRA, 1981), deparei, ao folhar uma revista, com uma descrição que assemelha-se com a metáfora do guarda-chuva profissional antes encenado:

Tanto os modelos como as práticas e representações agasalham-se sob um guarda-chuva simbólico dito “saúde”. Este “guarda-chuva” sim, é que se constitui no grande paradigma, no mandamento universal dirigido a todos e a cada um em particular. Todos devem ter saúde, todos precisam ter saúde ou, como se diz popularmente, “manter a saúde em forma”, sendo por ela considerados responsáveis. (BRASIL, 2008, p.9)

A responsabilização individual de manter a saúde em forma consiste em uma prática moral preconizada pelo conceito de estilo de vida. Inclinar-se sobre os estilos determinantes, entretanto, limita a visão crítica sobre as estruturas que

avalizam o modo de vida doentio da população.

Os modos de viver, de acordo com uma determinação social da saúde, são os modos de trabalhar, consumir, se organizar, se relacionar com o meio ambiente, mas, contudo, constituem os modos de construir as identidades, que condicionam o estado de saúde de uma determinada população. (BREILH, 2013).

A Saúde Coletiva pode criar dispositivos com forças de trazer de volta ao corpo a loucura viva, alegre e prudente que, durante muitos anos, incessantemente, foi colocada num patamar alheio à naturalidade do corpo?

Conforme Roterdã (1982), a loucura age de acordo com sua própria prudência, pois diferentemente dos sábios, os loucos guiam-se pelas suas paixões.

Mais tarde, no século XVII, Espinosa nos conceituaria as paixões humanas como algo instável e como efeitos determinados e finitos resultados da interação do nosso corpo com causas externas à ele. Todo corpo humano, assim, por natureza é um corpo apaixonado.

Tais paixões, desse modo, podem ser definidas como alegres e como tristes. As primeiras, nascem quando a causa da existencia do pensamento está conectado com os efeitos do corpo, ou seja, a causa da ideia é adequada a ação. As segundas, porém, surgem quando o meio está em desacordo com as causas gerando ideias inadequadas com efeitos alienantes no corpo.

Aliás, se pode dizer que algo orientou essa monografia responderia que foram as paixões. Ou melhor, foi o esforço de transformar minhas tristes paixões pela Saúde Coletiva em paixões alegres e assim encontrar o caminho a ação.

4 OS FARÓIS DOS NAVEGANTES: LINHAS DE FUGA

Carta as Árvores do Instituto Nise da Silveira

Amigas árvores,

Desde que as vi, ano passado, no IV Congresso da UPAC e III OcupaNise, algo de impressionante surgiu em mim. Me atrevi a cismar que entre tantas violências ocultas, no Centro Psiquiátrico Pedro II, vocês foram, queridas árvores, as únicas testemunhas. Povoaram minha memória, por bons tempos, suas imagens e a ilusão do quanto aprenderia se soubesse te ouvir, se conseguisse escutar atentamente todas as histórias que vocês presenciaram, ao longo de todos esses anos, neste lugar. Me peguei pensando como faria para reconhecer as

sensações, por vocês exaladas, ao conviverem com os mais diferentes afetos.

Ao serem as grandes observadoras da crueldade humana, recolhidamente, compreendi, para não sucumbirem, belas árvores, somente com conexões muito fortes. E assim, a partir do nosso primeiro encontro, o formato que eu deveria escolher para melhor compreender e expressar essas fortes conexões me consumiram por meses.

É que fiz da minha vida acadêmica um dos caminhos. E, por isso, acreditava, ser essa uma estrada silenciosa.

Não que a universidade, seja quieta, ao contrário, queridas árvores, ela discursa bastante. Entretanto, todo esse falatório fornecido acabara confundindo minha audição e, por muitas vezes, minhas amigas, me afastando de seus sons.

E, para conseguir escutar vocês, o meu corpo precisava estar em silêncio. O silêncio necessário que todo corpo passa em seu processo de organização. Sabe, árvores, uma vez li um poema que dizia que atuar significa organizar o meu discurso e a minha sensibilidade. Esse mesmo poema recitava a dificuldade de tal processo. “Exige pesquisa permanente”, alertava!

Para o discurso, estudos sensíveis. Para a sensibilidade, sentidos estudiosos. É assim que interpreto essa poesia/ética.

Mas e aí, amigas, meu corpo demonstra minha não atuação! O que fazer com todo o estudo acumulado?! Como fazer para me organizar?! Só com conexões muito fortes!

E essa solução, de certa maneira, foram vocês, indisciplinadas árvores, que me responderam. Isso pode parecer loucura, né!? Mas, em elogio a essa loucura, Roterdã, já no século XVI, escreveu: “verdadeira prudência consiste, visto que somos homens, em não queremos ser mais sábios do que permite a nossa natureza.”

Será que são todos loucos os que conseguem te sentir? Diga-me, companheiras, a loucura está presente naqueles que procuram os seus ensinamentos? Como vamos saber até onde vocês permitam que vá a nossa compreensão? Entre tantas leis que movimentam o mundo, quais delas estamos preparados para saber? “Tú sí que sabes tierra, tú sí que sabes” enuncia uma canção.

E, hoje, amigas árvores, após reencontra-las no V Congresso da UPAC, percebo que vocês são parte de um aprendizado tão complexo e conectivo como é o corpo humano.

Espinosa, após quatro séculos, se faz contemporâneo ao afirmar que não conhecemos as potencialidades do nosso corpo. E, realmente, ainda não sabemos!

Na procura desse conhecimento, o homem fragmentou o seu corpo. O dividiu, incessantemente, em tantas partes que atualmente reconecta-las torna-se uma tarefa catártica.

Ah, queridas árvores, o homem é tão prepotente que acredita um dia conseguir determinar todas as causas e controlar todos os efeitos. E, assim, nos estruturam. Estruturam vocês, estruturam o meu corpo, estruturam os nossos pensamentos. Tão tolos! Será que eles, árvores,

não percebem que o nosso corpo é afetado o tempo todo pela mesma lei que gere vocês e a nós?!

Diriam vocês: “Tão menos louco seria o mundo, se os homens aprendessem com as suas loucuras. Com a loucura de parar e só nos ouvir. De ouvir o seu corpo, porque é através dele que a gente transmite a nossa linguagem.”

“Espera aí”, me diriam vocês novamente, “Me estruturam?!”

É, de fato, o homem não consegue estruturar vocês, queridas árvores, estruturam a mim, uma simples mulher humana.

Queridas amigas árvores do Instituto Nise da Silveira, preciso lhes confessar uma coisa: Foi buscando me desestruturar, fugir da lei dos homens que me lancei no mundo e fui parar no IV OcupaNise. Estava à procura da minha própria cura! Mas diferente do que previa, não foi a ocupação das enfermarias do instituto, nem os atores que celebram a Saúde que, dessa vez, ofereceram as respostas das inquietações que me consumiam. Foram vocês, minhas mais íntimas amigas, que manifestaram essas respostas.

Os ensinamentos, da nossa primeira junção, carregou-os comigo. Sim, é possível separar, na teoria e na prática, Saúde e doença. Sim, é possível inclinar-se sobre a Saúde. Inventar a loucura que cura e não a cura da loucura. Sim, o amor é terapêutico. Através do Núcleo de Cultura, Ciência e Saúde vocês me proporcionaram bons encontros!

Mas, agora, em nosso segundo encontro, no V Congresso da UPAC, compreendi que vocês estão, o tempo todo, tentando se comunicar, deixar seus recados, proporcionar suas ligações. Acho que é por isso que suas imagens são tão vivas em mim.

Na primeira vez que nos vimos, vocês não conseguiram transmitir todas as mensagens pretendidas. Meu corpo precisava voltar, precisava ser afetado novamente para começar a entender a sua linguagem. Nesse ensejo, foram vocês, minhas amigas, o meu remédio contra a ansiedade.

Por meio das suas formas desestruturadas, vocês me apontaram o caminho e ele não é silencioso. Só com conexões fortes! Sabe o porquê, árvores curadoras da alma, porque da mesma forma que a Mulher quem dá nome ao Instituto onde estão alocadas, vocês são rebeldes. Tão rebeldes, que arrebatam as suas próprias estruturas. Tão rebeldes que anunciam, a quem quiser ver, mesmo a Deleuze e a Guattari, que até mesmo árvores são capazes de se desterritorializar para se comunicar.

Vocês não são arborescentes, são rizomáticas. Não se contentam em manter-se subterrâneas, necessitam emergir e nos mostrar que até mesmo em seus troncos partem-se linhas.

Será que são, árvores do Instituto Nise, os poderes do inconsciente presente neste ambiente que fazem vocês serem tão expressivas?! De afetar e serem afetadas. E que, inclusive as árvores, vivem as suas multiplicidades.

Conforme enunciou, árvores queridas, os dois franceses acima citados “As multiplicidades se definem pelo fora: pelas linhas abstratas, linha de fuga ou de

desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras.”

De tanto sentirem, talvez vocês resolveram quebrar também com a ideia de árvore-imagem só para nos transmitirem a mensagem da necessidade de um sistema a-centrado. Só com conexões fortes! Tudo o que vive faz alianças.

Gratidão eterna pelos ensinamentos, queridas árvores, e gratidão inexplicável pelos bons encontros. (A AUTORA, 2015).

Nesse rizoma das vidas, grandes atores, navios à dentro, enodam seus pensamentos, cada qual a sua época, movendo-se a favor dos mesmos fluxos que alimentam o seu corpo. Pulsões de vida!

Nós crescemos, como as árvores – isso é difícil de compreender, tão difícil de compreender como a vida! – crescemos não apenas num local, mas em toda parte, não numa só direção, mas tanto para o alto como para baixo, para o interior e para o exterior – nossa força cresce ao mesmo tempo no tronco, nos ramos e nas raízes, já não temos mais a total liberdade de fazer qualquer coisa separadamente, de ser alguma coisa em separado...(NIETSCHE, 2016, p.24)

A Academia, no contexto das embarcações do conhecimento, traz diversas raízes e a linguagem científica, como uma árvore-raiz, “quer dizer que este pensamento nunca compreendeu a multiplicidade: ele necessita de uma forte unidade principal.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.16).

Essa forma de se comunicar à imagem de uma árvore-raiz consegue observar, apenas, o tronco da linguagem. A multiplicidade dos encontros presentes nos rizomas desse navio continua subterrânea, pois “a árvore impõe o verbo ‘ser’, mas o rizoma tem como tecido a conjunção e...e...e...” (Id., p.18).

A linguagem científica dá o poder teórico e simbólico para ações profissionais e as imagens geradas no corpo deste processo de formação, inevitavelmente, necessitam ser expressadas. Imagens que, no navegar acadêmico, inicialmente, são incorporadas na graduação.

Adentrar no navio do conhecimento para ter o poder da linguagem científica é uma questão de políticas de acesso. No mais, criar e concluir uma graduação, em uma uni-versidade, é uma questão de encontros:

A noção de unidade aparece unicamente quando se produz numa multiplicidade uma tomada de poder pelo significante ou um processo correspondente de subjetivação: é o caso da unidade-pivô que funda um conjunto de correlações biunívocas entre elementos ou pontos objetivos. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.45)

De outro modo disposto, passe anos dentro dessas embarcações do conhecimento, curse disciplinas, para que o discurso tenha os embasamentos teóricos considerados minimamente necessários para atuar em um determinado campo científico.

De acordo com Bourdieu (2003, p.128), o campo científico é “o monopólio da competência científica, compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente que é socialmente outorgada a um agente determinado. ”

Após a legitimidade do discurso cientificamente embasado, os corpos são organizados por suas faculdades e divididos por fenômenos biológicos e, na ambiência dos navios, muitas vezes, se veem como raças.

O monopólio da competência científica garante, assim, que as imagens dos capitães que distinguem as raças, iluminada pela veracidade outorgada, reduza a luz de muitas imagens mentais dos outros corpos no navio.

A construção do saber, dessa forma, torna o corpo do capitão como a unidade-pivô detentora do poder significativo pelo qual parte, em um processo de subjetivação, os corpos a-lunos (sem luz).

En eso radica, sin duda, la excepcional eficacia de este moderno instrumento de dominación social. No obstante, se trata de un desnudo constructo ideológico, que no tiene, literalmente, nada que ver con nada en la estructura biológica de la especie humana y todo que ver, en cambio, con la historia de las relaciones de poder en el capitalismo mundial, colonial/moderno, eurocentrado. (QUIJANO, 1999, p.141)

As “embarcações do conhecimento”, que atracaram em mares brasileiros e da América Latina, estavam carregados com o modo de educação hierarquizado e essa forma de comunicação, até os dias de hoje, não oportuniza o saber presente em todo corpo.

Para Deleuze e Guattari (1995, p.53), “toda vez que uma multiplicidade se encontra presa numa estrutura, seu crescimento é compensado por uma redução das leis de combinação. ”

Em face de tal assertiva, os corpos acadêmicos que não tiveram suas imagens outorgadas perante aos outros, torna-se impedido de falar. Assim, emerge a questão: para onde vai a força de comunicação do corpo que em muitos casos é desautorizado a se expressar?

O mundo da fluidez, o vértice da velocidade, a frequência dos deslocamentos e a banalidade do movimento e das alusões a lugares e a coisas distantes, revelam, por contraste, no ser humano, o corpo como uma certeza materialmente sensível, ante um universo difícil de aprender; ainda a dor moral dói no corpo, terá isto alguma relação com o aumento das prevalências das enfermidades psicossomáticas? Da diminuição da faixa etária dos infartos? (CAMPOS, 2014. p. 28)

A partir dessa reflexão, suponho que a permanência no navio da graduação é uma questão de encontros. Encontro entre corpos. Corpo humano com seu próprio corpo humano. Corpo humano com outros corpos humanos. Corpo humano com corpo estrutura universitária. Corpo humano com corpo artigo científico. Corpo humano com corpo livro, etc.

Para conclusão dessa trajetória, torna-se imprescindível bons encontros, representados por relações que potencializem a força de existir do corpo acadêmico.

O encontro pode ser cordial ou pode ser um rijo encontrão. Quem se contata com quem? Corpos e afetividades em jogo. Se entendermos por instituições as formações discursivas que adquirem valor de verdade, quantas instituições medeiam esse encontro quando se trata de uma situação de atenção à saúde? (CAMPOS, 2014, p. 79)

Ressalto que as imagens mentais que este estudo tenta movimentar descreve encontros. Rijos ou cordiais. Encontros manifesto à Espinosa. Tristes e alegres, que fizeram a pesquisadora acreditar no poder de resgate da linguagem científica.

Sobretudo, essas linhas sobre “os faróis dos navegantes” pretendem narrar os bons encontros, seja dos afetos ativos pelo qual a pesquisa foi a causa adequada, seja dos afetos passivos alegres que aumentaram a potência corporal e mental desta.

De acordo com Silveira (1981, p. 71), “para que qualquer conteúdo psíquico se torne consciente, terá necessariamente de relacionar-se com o ego” e, assim, diz-se que este estudo cartográfico é fruto de uma busca egoísta.

A autora complementa que o ego, compreendido como um complexo de elementos que fundamentam a consciência, formam uma unidade coesa para transmitir impressão de continuidade e de identidade.

A consciência, assim penso, é o conjunto das imagens-mentais que estão sempre em movimento, carregadas em alguma parte do corpo, porquanto repletas de afetos e intensidades que o corpo humano necessita para sobreviver.

Contudo, a linguagem pelo qual dou significado ao meu ego, demonstrará minhas práticas profissionais.

Nessa louca nau, o corpo acadêmico incorpora os discursos repassados no navio-universidade. O corpo profissional, ao sair do navio, nos seus encontros de ofício, para se sentir naturalmente potente, necessitará da proteção de tais significações.

No entanto, se a linguagem acadêmica estiver ancorada em uma racionalidade pouco afetiva, como serão as significações que agenciarão as práticas profissionais desse corpo?!

A linguagem só existe se refletirmos sobre ela. Para refletir sobre a linguagem se torna necessário, primeiramente, refletirmos de como é que conhecemos.

O conhecimento, sob a perspectiva de objeto de estudo das ciências cognitivas tradicionais, torna-se uma mensuração da inteligência de um organismo, como uma propriedade individual por ele atribuído (MATURANA, 1985).

As ciências cognitivas tradicionais pouco consideram as conectividades naturais fundamentais para o aprendizado.

Portanto, foi o medo de me perder nesse cognitivismo tradicional, que me orientou as vezes que resolvi saltar da nau e buscar sentido para a minha Saúde Coletiva. Fora das “embarcações Saúde Pública”, encontrei Nise da Silveira. E seus afetos me indicaram ler Espinosa.

Na aula “Pensamento e Liberdade em Spinoza”, proferida por Ulpiano⁴ (1988), o filósofo europeu, excomungado da igreja católica em 1656, é traduzido como um pensador do devir, do processo.

Ao romper a teologia tradicional, que coloca Deus num patamar transcendente ao corpo humano, em benefício de um Deus presente na natureza, Espinosa conduz a luz para dentro do corpo e associa a liberdade a uma ideia de causa ativa.

Desse modo, nos lembraria Ulpiano (1988, não paginado) que “é livre aquele ser que ao agir efetua a sua natureza.”

A *natureza naturanti* de Espinosa é aquilo que produz tudo o que existe. Ou seja, o Deus presente no corpo e a natureza conectada a ele.

Entretanto, os corpos são constrangidos por forças externas e o segredo

⁴ Cf., ULPIANO, Cláudio. **Pensamento e Liberdade em Spinoza**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=oBDEZSx6xVs>>. Acesso em: 28 nov.2016.

da Ética, neste sentido, seria investigar se o corpo humano pode ter sua vida produzida por forças interiores e, nessa atitude, pesquisar as situações nas quais ele pode ser a causa ativa das suas próprias ações.

Referindo-se ao filósofo, Deleuze (1997, p.158) aponta que “para Spinoza, tudo é luz, a sombra, o sombrio não passa de um mero efeito da luz, um limite da luz sobre os corpos que o refletem (afecção) ou o absorvem (afecto).”

Um corpo acadêmico, portanto, para se tornar um corpo profissional, inevitavelmente, absorve e reflete a luz de certos saberes. No mais, a maneira como está estruturada a formação e suas linhas de pensamentos conduzirão os reflexos práticos desses conhecimentos.

Tais linhas podem remeter às forças que façam fluir, cataraticamente⁵, a natureza do corpo ou às forças que busca bloquear, itaiupudicamente⁶, tal natureza. A mente humana é efeito da natureza ou causa dela?!

Além da ideia de Deus, no livro Ética, Espinosa rompe, também, com o paradigma cartesiano. Para Descartes, a causa é a mente e o efeito o corpo. Há uma separação epistemológica, portanto, entre mente e corpo.

Esta concepção sugere que, quanto mais a mente humana conseguir determinar, sistematicamente, as causas naturais que levam aos defeitos dos corpos, mais poder o homem pode adquirir para garantir a sua sobrevivência.

Para Espinosa, entretanto, não há essa relação causa-efeito pré-determinada. Como um caminhante da liberdade, o filósofo inclina-se sobre a potência da razão ao olhar a beatitude dos pensamentos a partir de suas causas. Para ele, não há divisão entre mente e corpo, pois ambos se fundem no processo de existência humana. (ULPIANO, 1988)

No mais, em relação aos afetos, Descartes e Espinosa não compartilham o mesmo entendimento. Para o modelo cartesiano, os afetos embaraçam a racionalidade da mente. Para os processos de Espinoza, os afetos são a própria racionalidade.

O afeto, que se diz *pathema* [paixão] do ânimo, é uma ideia confusa, pela qual a mente afirma a força de existir, maior ou menor do que antes, de seu corpo ou de uma parte dele, ideia pela qual, se presente, a própria mente é determinada a pensar uma coisa em vez da outra. (SPINOZA, 2013, p.152)

⁵ Neologismo nosso, em analogia à força das águas das Cataratas do Iguaçu.

⁶ Idem, em analogia ao represamento das águas empreendido pela Usina Hidrelétrica de Itaipu.

Na mesma obra, Espinosa discorre que o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, mas não exclusivamente através da mente. O corpo é afetado em sua relação com o mundo e a mente é o ato de perceber o corpo em sua existência atual.

Portanto, o corpo é potência em ato, pois a potência que o corpo possui de existir é a mesma potência que possui de ser afetado. Tudo se dá nas relações. São as relações entre os corpos que podem trazer alteração no modo que a mente reage às impressões daquilo que a afeta e, neste contexto, o afeto é o componente essencial capaz de aumentar ou diminuir a potência dos corpos agirem. (SPINOZA, 2013)

Nessas embarcações do conhecimento, Nise da Silveira coloriu minha navegação, ao apontar as multiplicidades que se encontram no subsolo e citar um de seus clientes: "um livro é muito importante, a ciência é muito importante, mas se se desprender do coração não vale nada". (SILVEIRA, 1981, p.16).

Nise Magalhães da Silveira, psiquiatra alagoana nascida em 1905, costumava dizer que tudo que ela aprendeu na psiquiatria foram com seus clientes, tratamento pessoal utilizado, para não mais ter que se relacionar com os corpos olhando-os enquanto pacientes.

Estudiosa de Espinosa e de Carl Gustav Jung, Nise revolucionou as práticas em Saúde Mental brasileira, acreditando nas manifestações do inconsciente, sobretudo, nas manifestações criativas do inconsciente.

E, como ela conseguiu estimular a criatividade nos corpos esquizofrênicos do então Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II? Por meio do afeto!

A resposta é óbvia, porém, nada simples. No período supracitado, eletrochoques, insulinoaterapia e lobotomias eram atividades rotineiras no exercício da psiquiatria e Nise lutou arduamente contra essas práticas, enfrentando os saberes clínicos e provou que a loucura pode matar, de certa forma, a razão, mas não a humanidade dos insanos.

"Caminhos de uma psiquiatra rebelde" é a orientação que Nise nos apresenta ao intitular o trabalho de sua vida. Médica, graduada em 1926, Nise demonstrava, já naquela época, a potência do seu existir. Única mulher formada junto à uma turma de 157 homens, desde o início de sua carreira acadêmica, Nise dedicou afetos e interesses ao lado marginalizado pelas vias do Estado. O título, que ela deu a sua tese de conclusão de curso médico, defendido no citado ano, foi: *"Ensaio da criminalidade da mulher no Brasil"*.

De corpo franzino, mas de alma grandiosa, Nise não se fechou aos imprevisíveis choques presentes em uma jornada profissional. As colisões são inevitáveis, mas o que fazemos delas dependerá do significado que damos a estes encontros. E Nise, com seu pulso firme e coração afável, construiu significações potencializadoras. Desde a morte de seu pai e grande mestre, em 1927- logo após sua formatura - Nise da Silveira mudara. Residindo, agora, no Rio de Janeiro, a recém médica nordestina aprendera que transformações são necessárias para manutenção da vida.

Trabalhou como médica residente no *Hospital da Praia Vermelha* no Rio de Janeiro, como médica psiquiatra da antiga *Assistência a Psicopatas e Profilaxia Mental* também no Rio de Janeiro.

Em 1936, Nise da Silveira foi presa pela ditadura Vargas, acusada de ligações com o Partido Comunista, permanecendo até 1937, porém a soltura não garantiu sua liberdade. Teve que passar muitos anos de sua vida na clandestinidade, até regressar aos serviços públicos, em 1944. Neste ano, praticamente final da Segunda Guerra Mundial, Nise foi readmitida no local que se tornaria o Centro Psiquiátrico Pedro II, no bairro Engenho de Dentro, Rio de Janeiro.

O Centro Psiquiátrico Pedro II foi o espaço em que Nise da Silveira dedicou seu trabalho de Cuidado à Saúde até o dia de sua morte, em 1999. O espaço no qual criou afetos alegres, capazes de transformar a realidade da convivência e da linguagem daqueles que, todos os dias, se encontravam no mesmo ambiente.

Significações que potencializa a força de existir do outro. Basicamente, esse é o legado de um agente criador da Saúde, construir ao lado do agente doentio, processos que o inspire a conduzir-se por linhas da Saúde.

Tal proposição estimulou Nise a estudar e, principalmente, a praticar o que ela denominou como afeto catalisador. O termo catalisador origina-se da química, uma substância que acelera a velocidade da reação. A substância? Spinoza já sabia! A reação? Nise, de modo incessante, estimulou.

Por substância compreendo aquilo que existe em si mesmo e que por si mesmo é concebido, isto é, aquilo cujo conceito não exige o conceito de outra coisa do qual deva ser formado (Spinoza, 2013, p.13).

Porém, a relação com o outro, com aquilo que está externo a nós, as relações criadas com os outros corpos nos afetam o tempo todo. O afeto presente,

assim, nessa relação com o outro estimula/faz fluir ou bloqueia nossa criatividade.

Para Nise, “a criatividade é o catalisador por excelência das aproximações de opostos. Por seu intermédio, sensações, emoções, pensamentos, são levados a reconhecerem-se entre si, a associarem-se, e mesmo tumultos internos adquirem forma.” (SILVEIRA, 1981, p.11).

Os tumultos internos podem ser expressados de diversas formas e a linguagem científica é uma delas. Entretanto, ultimamente, muitas linguagens colocam as emoções à um nível de linguagem inferior de suas faculdades. E isso, muitas vezes, podem gerar introspectiva de tais tumultos no corpo.

E o amor, enquanto sentimento de conexão, pode ser traduzido pela ciência?

4.1 O AMOR É CIÊNCIA

O desejo que surge em razão da tristeza ou da alegria, do ódio ou do amor, é tanto maior quanto maior é o afeto.
Spinoza

O amor, enquanto sentimento universal, é um modo de pensar que possuem atributos infinitos de uma mesma substância e assim o biólogo chileno Humberto Maturana (1998, p.63), acredita no poder da emoção para se criar linguagens na educação e na política: “*a razão como característica do humano desvaloriza as emoções*”. Esse pensador científico de uma língua rizoma, encara a competição como um fenômeno cultural e humano e nunca biológico.

Pois, para a biologia do amor, “as emoções são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos.” (Id., p.34)

Para essa concepção do natural, desse modo, um corpo competitivo não pode ser sadio, porque a sua constituição está baseada na negação do outro. Ainda, o autor acrescenta que “nunca brigamos quando o desacordo é apenas lógico, mas sim ideológico.” (Id., p.36)

Quando a desarmonia é lógica, fundamenta-se em premissas aceitas e o erro se dá ao aplicar as coerências operacionais. Entretanto, quando a desarmonia é ideológica, são nas premissas fundamentais que está a diferença, gerada por desacordos emocionais. As emoções em desacordo, portanto, “negam ao outro os

fundamentos do seu pensar e da coerência racional de sua existência. ” (Id., p.38)

A coerência racional da existência é o legado do discurso acadêmico, mas será que atualmente a nossa linguagem científica garante ao outro os fundamentos do seu pensar?!

Preocupado com isso a nível de Saúde Mental, o professor do Departamento de Medicina Comunitária da Universidade Federal do Ceará, Adalberto de Paula Barreto, criou uma organização do discurso de forma afetiva.

Considerada uma prática de atenção primária na área de saúde mental, a Terapia Comunitária Integrativa (TCI) é uma metodologia que envolve os conhecimentos teóricos de seu fundador. Formado em Teologia e Medicina, Barreto possui especializações em Antropologia e Psiquiatria. (BARRETO, 2008)

Por meio de projetos acadêmicos desenvolvido em Quatro Varas, região periférica da cidade de Fortaleza, a TCI, espontaneamente, foi criada para atender a grande demanda dessa comunidade por cuidados em saúde mental.

Defronte, no Hospital Universitário, a quantidade de pessoas provenientes daquela região, à procura de atendimento clínico psiquiátrico, despertou a ação de desenvolver, ainda na fila de espera pela consulta, uma conversa coletiva.

Por meio da valorização dos diferentes saberes, da capacidade de escuta e, sobretudo, da compreensão e empatia pelo sofrimento alheio, surgiu a inspiração para construir, junto à comunidade de Quatro Varas, um ato terapêutico de grupo.

A TCI consolidou-se progressivamente, a partir de alicerces teóricos que envolvem a complexidade das organizações sociais e do processo cognitivo, aportada em relações humanas mais sensíveis politicamente e mais afetivas educacionalmente. Relações de cuidado construídas coletivamente com aqueles que demandam por atenção afetiva e inseridas no contexto no qual esse cuidado necessita ser ofertado.

A TCI como um ato terapêutico de grupo não é uma psicoterapia. Portanto, os saberes de cada um compartilhado, nas Rodas de Terapia, é a própria ação terapêutica.

Todos são atores de seus sofrimentos e todos são capazes de encontrar as respostas da suas curas emocionais. Basta, no entanto, um espaço afetivo para que conexões energéticas e trocas de conhecimentos empíricos aconteçam.

Para tanto, a base científica que norteia as práticas de TCI envolve o Pensamento Sistêmico, a Teoria da Comunicação, a Antropologia Cultural e a

Pedagogia de Paulo Freire, entrelaçando a prática da resiliência como processo integrativo.

A proposta parece fácil, porém, na prática, ao romper com poderes instituídos, encontra obstáculos significativos para o seu desenvolvimento. Promover uma ruptura com o pensamento hierárquico a favor do paradigma da complexidade é mexer com a estrutura da organização profissional.

O método Paideia ou método da Roda, criado por Gastão Wagner, propõe uma coprodução de sujeitos e coletivos com capacidade de análise e de intervenção sobre a realidade dos serviços de saúde de maneira horizontal, que modifica a estrutura da organização profissional. (CAMPOS, 2016).

Este método refere o exercício da função apoio para lidar com as relações entre os sujeitos com diferentes papéis, poderes e conhecimentos e, por meio de ações interativas e construtivistas, deslegitima as escolas de gerência que intervêm de forma impositiva sobre os trabalhadores.

Afirma, por outro ângulo, que o apoio institucional não é uma ferramenta intervencionista, mas interativa com os trabalhadores, na qual todos os envolvidos atuam. Dessa forma, o apoio aos profissionais visa uma postura analítica, crítica e ético-política. Analítica sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o contexto. Crítica e ética-política para poder experimentar novas práticas na área da saúde.

O método Paideia, na gestão, assemelha-se ao método da TCI na atenção à Saúde e ambas, por priorizar uma horizontalidade afetiva do discurso, proporcionam uma educação transcultural.

Proporcionar uma educação transcultural é o intuito do projeto “Hotel e Spa da Loucura”. Idealizado, em especial, pelo médico imunologista, psiquiatra cultural, pesquisador e ator Vitor Alexandre Pordeus da Silva, o Hotel e Spa da Loucura consiste em um repensar o atual modelo assistencial à saúde mental.

Sede, até junho de 2016, da Universidade Popular de Arte e Ciência (UPAC), a história do Hotel da Loucura entrelaça-se com o Núcleo de Cultura, Ciência e Saúde (NCCS) alocado junto a Secretária Municipal de Saúde e Defesa Civil (SMSDC) do Rio de Janeiro. Tudo começou, na prática, no Teatro Gonzaguinha, do Centro de Artes Calouste Gulbenkian, na Praça XI, no dia 25 de março de 2010:

Em presença e espírito, nos encontramos e começamos a fazer novas perguntas sobre como fazemos saúde, educação, cultura, ciência, vida comunitária. A resposta é sempre a mesma: liberdade, criatividade, solidariedade, humanidade. O processo é esse. Não teremos resultados.

Nem queremos resultados. Somos seres inacabados, estamos mergulhados no fazer a nós próprios. (RIO DE JANEIRO, 2011)

Deste encontro, surgiu, nos dias sete e oito de julho de 2011, no Teatro Carlos Gomes, o I Congresso Aberto da Universidade Popular de Arte e Ciência. Com a temática “O saber em todo ser”, o Congresso contou com a participação de mais de seiscentas pessoas. (RIO DE JANEIRO, 2011)

Os primeiros trabalhos do Núcleo de Cultura, Ciência e Saúde foram com os agentes de endemias do município do Rio de Janeiro. Esses agentes eram conhecidos como os mata-mosquitos porque suas funções como técnicos pouco passava disso. Os próprios agentes viam pouca eficácia em suas ações. Vitor Pordeus, como coordenador do NCCS, reformulou, junto com agentes de endemias, as atribuições dos mata-mosquitos.

Ampliando o olhar sobre a causalidade das doenças, os agentes de endemias passaram a ser *agentes culturais de saúde*. Dessa maneira, os agentes começaram a realizar, junto à comunidade, um trabalho de educação e comunicação em saúde. E promovem, em oito morros no Rio de Janeiro, no que foi denominado Escolas Populares, atividades criativas e debates horizontais sobre o que é e como exercer a Saúde.

A UPAC propõe uma ciência por intuição, enfoca o ato criador e o processo criativo. Acredita no *saber em todo ser*. E, apresenta, hoje, uma rede de atores em todo Brasil.

Atores que vão desde os profissionais da área da saúde aos profissionais da arte cênica. Desde músicos consagrados à artistas de rua. Desde do morador de rua ao turista de Ipanema. Desde cientistas renomeados ao sábio popular. Desde de Instituições de Ensino Superior à Vila dos Poetas. “*Chegue mais perto ator, atriz/ Companheiro, companheira dia-a-dia/ Venha logo homem/ Deixa de bobagem/ A arte é nossa linguagem/ De tecer cidadania*”.

Celebrando a saúde e a cidadania, Vitor Pordeus e a trupe UPAC, em parceria com SMDC do Rio de Janeiro, em 2012, ocuparam as enfermarias abandonadas do terceiro andar do antigo Hospital Psiquiátrico Aduato Botelho, realizando o II Congresso da Universidade de Arte e Ciência num ato intitulado Ocupa Nise.

Revigorado por meio de muita arte, as paredes da enfermaria deram luz a

um espaço integrador. Espaço que, de 2009 a 2016, acolheu cientistas dos mais diversos mundos.

Língualinguagem sem corpo nem sentido. Língua de corporações
Língualinguagem oceano ou insulação do falante. Língua da vida inteira ou do instante. Língualinguagem corpo qualquer morrente ou vivente fonte mutante nascente. Língualinguagem de corpo e alma ambulantes. Liberta e prisioneira de si. Libertária ou opressora de seus praticantes? (LIMA, 2012)

Nesta trupe UPAC, se encontram também Ray Lima e Vera Lúcia de A. Dantas. Ray, é formado em Letras pela UERJ e possui especialização em Gestão de Sistemas e Serviços de Saúde pela UNICAMP e Vera Dantas é médica, mestre em Saúde Pública e doutora em Educação.

Como coordenadora pedagógica do Sistema Municipal de Saúde Escola (SMSE) da SMS de Fortaleza, Vera Dantas é educadora popular e Ray Lima, como assessor artístico-pedagógico da SMSE, é cenopoeta. Ambos, das “Cirandas da Vida”.

As Cirandas da Vida afirmam buscar trazer à cena o desafio de desenhar coletivamente uma proposta de educação popular que constitua um olhar multirreferencial na interface dos atores populares e institucionais, de modo a dialogar sobre ações coletivas de enfrentamento às situações-limite apontadas pela população, especialmente nas áreas de maior vulnerabilidade social. (BRASIL, 2014)

O teatro, a cenopoesia, o resgate ancestral de se aprender e ensinar em Roda. O saber popular, presente nas comunidades e o saber da estrutura institucional do Estado, presente nas universidades, pode e deve ser articulado com ações de gestão compartilhadas e atenção à saúde. Pelo menos assim, acreditam os que cirandam a educação. Como trocas de imagens e de experiências entre os corpos.

Para Maturana (1998, p. 45), *“somos como somos em congruência com o nosso meio e o nosso meio é como é em congruência conosco”*.

Atoras e atores que pesquisam, ao praticar a autonomia do corpo em seu processo curativo, analisam a maior parte dos agravos à saúde como um estar. A doença em trânsito, a saúde em trânsito, em que nosso corpo é um hotel, é um *spa*.

5 RODA DE AFETO: AGENCIAMENTO COLETIVO DO DESEJO

Queridos corpos,

Assim como vocês, faço parte desse paradigma e campo científico e disciplina e área de conhecimento e movimento ideológico em aberto e núcleo de saber e práticas, e....filosofia. E, por que não?! Sabe corpos amigos, vejo que, a Saúde Coletiva, de tão inexprimível, instrui apontar meu próprio desconhecimento. Mas o quanto é que conhecemos sobre nós mesmos?! “Não sabemos o que pode um corpo”, resumisse Espinosa.

E se a Saúde Coletiva for, então, um corpo?! Justificaria tão difícil descrição!? A Saúde Coletiva enquanto um corpo – que afeta e é afetada – existe enquanto potência e, assim, produz desejos. Devir Saúde. Devir coletivo. Sou da Saúde Coletiva. E se eu, corpo humano, sou afetado por esse desejo, tenho a necessidade de criá-lo. Corpo que se lança à outro corpo. Sente seus fluxos. Estou na Saúde Coletiva.

Sinto, corpos companheiros, que sou componente. Componente de ligação. Componente de um sistema maior. Terra mãe. Junto à ela, estou conectado. Aliança. Convívio. Conexões. E, são essas conexões, imagino, as mais sublimes responsáveis pela produção dos meus desejos vitais. Desejo de conhecer. Desejo de criar. Tudo o que vive faz alianças. E, quando tento descrever esse processo, me perco nas significações.

Amigos corpos, vocês acreditam que a ideia de superficialidade, que fizeram do corpo humano, bloqueia as sensações de conectividade?! A pele delimita o espaço do corpo?! Dentro de mim, cada órgão, cada veia, já foram determinados?! Meus órgãos se organizam para produzir ou se produzem para organizar?!

Sabe, meus queridos, no fluxo dessa análise, Deleuze e Guattari, intuitivos cientistas, escreveram que o corpo sem órgão é improdutivo. Ele serve apenas de superfície para quem o determina. Dizem eles: “Superfície para o registro de todo o processo de produção do desejo”. As máquinas desejantes, neste modo, parecem surgir desse processo de registro. Mas, amigos corpos, de todos os meus desejos, quais deles são lícitos de registro?!

Se eu não produzo os meus desejos, permito que outros corpos o produzam em mim. Paciente sou enfermo. Improdutivo, pois mera reprodução. Porque o corpo sem órgãos é Produção só se Criação. “Ele é produzido no seu lugar próprio, a seu tempo, na sua síntese conectiva”, lembrariam os intuitivos.

Se as marcas produzidas em mim, pelos diversos encontros, não servirem à minha própria construção, me torno apenas projeção. Limitado e reprodutivo.

Percebo, meus queridos, que os afetos me preenchem. E, as intensidades desses afetos, são geradoras dos modos de meus desejos. Desejos de criação.

Corpos, amigos e companheiros corpos, eu também sou um corpo. Assim, posso ser uma máquina. Uma máquina, porém, que é afetada, incessantemente, pelas relações que estabeleço com outras máquinas. Há relações que me potencializam e há relações que me diminuem enquanto potência.

E eu, enquanto corpo, necessito das relações para me sentir povoado. Se eu não me atentar à elas estarei

desabilitado.

Terra mãe. Máquina de todas as máquinas. Substância dos atributos desejantes. Eu sou, assim, queridos corpos da Saúde Coletiva, um corpo desejante. E, são esses desejos que me fazem sentir conectado. Porém, permito ainda, caros companheiros, que me façam de mera superfície.

Espinosa, amigos, aquele de quatro séculos atrás, mapeou a consciência como um resultado dos nossos encontros e marcas. Se eu bloqueio aos afetos, os afetos me bloqueiam. Estagno meu inconsciente. E, minha consciência, reproduz sempre as mesmas marcas.

Quem sabe, corpos amigos da Saúde Coletiva, meu inconsciente seja apenas as mensagens da Terra. Mensagens que ainda não consegui interpretar. Os desejos que ela produz em mim. E, se eu não estou atento a esses desejos, eles submergem. Ficam perdidos dentro de um enorme corpo despovoado.

Amigos corpos, se eu inclinar somente a perceber os agravos da nossa conectividade com a Terra, desvio minhas percepções e desejos. Atento a registrar superfícies alheias. “Imobilidade afetiva”, diria Lula Wanderley.

Saúde. Esse é, companheiros corpos da Saúde Coletiva, nosso maior afeto. Maior desejo. A Saúde nos move. Nos faz sentir vivo. Nos faz querer conhecer e criar. A Saúde produz em nós marcas. Conscientes e inconscientes. E, é pela Saúde que nos encontramos. Sem significado. Só encontros. Sem linguagem. Só sentido.

Agora, corpos, como programar as nossa conexões à fim de nos potencializarmos?! Complexo! Há todo um processo que envolve a Ética. Envolve um Processo Saúde.

“Saúde não se define, se sente!”. Gritariam os mais loucos.

Humberto Maturana, cientista e criador chileno, nos disse que “mudar o significado das palavras implica mudar os domínios de ação, e mudar os domínios de ação implica mudar o modo de conviver.” Auto-poiese. Auto-criação.

Sabe, amigos corpos da Saúde Coletiva, “seja o afeto catalisador do seu processo Saúde” nos lembraria Nise da Silveira.

Eu, como corpo, como máquina, quero conviver em um ambiente de Saúde. Conectivo. Afetivo. Criador. Quero produzir Saúde em mim e nos outros corpos. Sem “Imobilidade afetiva”. Por meio da “Auto-poiese”. Através do “Afeto Catalisador”.

Vai ver, amigos, o meu inconsciente já foi desvendado. E não! Porque só a máquina das máquinas sabe até onde deve ir o meu campo de conhecimento. Sou apenas um corpo. Corpo responsável de transmitir suas mensagens. (AUTORA, 2015)

Será que, todavia, existe em nossas correntes sanguíneas colonizadas as vibrações de corpos ancestrais que celebravam, através de linguagens artísticas, a loucura, a Saúde, a vida? Como identificar se essas vibrações não foram contaminadas pela soma de juízos avaliadores vindas de forças que vem de fora?!

O viajante fala *Pensamentos sobre os preconceitos morais*, se quisermos que não sejam preconceitos sobre os preconceitos, supõem uma posição de fora da moral, algo para além do bem e do mal, para que seria necessário subir, galgar, voar – e nesse caso um para além do nosso bem e do nosso mal, uma independência de toda “Europa”, essa última entendida como uma soma de juízos avaliadores que nos ordenam e que entraram em nosso sangue. (NIETZSCHE, 2012)

Celebrar a loucura viva, a Saúde viva é um processo ritualístico.

Segundo Vitor Pordeus, o segredo da nossa Saúde Mental está na organização do nosso ritual. Festejar a vida, a partir da alegria dos encontros pode parecer uma atividade fácil e naturalmente fluídica. Entretanto, o resgate da vida alegre, em estruturas institucionais inclinadas às doenças, pode ser um verdadeiro trabalho.

Em vez dos impulsos arcaicos exteriorizarem-se desabridamente, lhe oferecemos o declive que a espécie humana sulcou durante milênios para exprimi-los: dança, representações mímicas, pintura, modelagem, música... Será o mais simples e o mais eficaz. (SILVEIRA, 1981, p. 48)

O projeto “Roda de Afeto”, enquanto nome e dispositivo, foi pensado no próprio processo de expressar a sua força de existir. Inicialmente, o desejo de criar um espaço à Saúde Mental, pelo qual se possa expressar saberes coletivos da arte de cuidar do corpo, movimentou a proposta.

O projeto “Roda de Afeto” pretende ser um dispositivo de apoio institucional em formato de mapa, ou como trabalha Deleuze no seu livro sobre Foucault, como um diagrama.

E, no caso aqui, podemos entender, como é possível cartografar ou pensar de forma diagramática, não somente os espaços onde se pensa saúde e doença, mas podemos pensar também e, principalmente, o corpo como um grande diagrama, composto por infinitos saberes que estão conectados com os outros e o mundo através dos afetos.

Essas Rodas de Afetos a qual me refiro, como resultados práticos da pesquisa, é onde observo, ao mesmo tempo em que me observo, essas estruturas de poder que compõe os espaços de convivências humanas, mas que, no entanto, não são somente a análise do poder que se faz presente, mas uma compreensão de contextos afetivos. O intuito, primordial das Rodas de Afeto, desse modo, é a construção do agenciamento de desejo. Desejo Saúde. Devir “Grande Saúde”. Desejo

Conexão. Devir Coletivo.

Então, a partir daí surge a pergunta: como cartografar afetos? O que pretendemos neste trabalho é fazer uma tentativa de nos apoiar nesses conceitos de Foucault, Deleuze, Spinoza, Nise da Silveira entre outros pensadores e estudiosos, para entender o corpo como um mapa que se apresenta de forma diagramática. De desejos pulsantes ou como uma máquina desejante, que em todos os instantes de nossa vida nos produz afetos e torna-se possível pensar a partir deles o que é saúde ou doença ou como eles nos afetam de maneira tal, que nos produz estados variados de emoções que podem contribuir, não para catalogá-los, mas para cartografá-los.

No artigo, *“Aplicação metodologia Paideia no apoio institucional, no apoio matricial e na clínica ampliada”*, Gastão Wagner et al. (2016) apresenta recursos metodológicos em formato de Roda.

O apoio institucional pode ser caracterizado, em oito observações: Primeiro: o apoiador tem que se colocar na Roda, incluir-se no processo; Segundo: função apoio trabalha com a duplicidade, tanto externa quanto interna ao grupo, da finalidade dos objetivos; Terceiro: trabalhar com as demandas, mas também trazer oferta ao coletivo; Quarto: gostar do que faz, apostar em projetos e em novas relações de afeto e poder. Quinto: pensar em fazer junto as pessoas e não em lugar delas; Sexto: ampliar os espaços onde se aplica o método. Ofertar experimentando; Sétimo: autorizar o grupo a fazer críticas generosas e desejar mudanças; Oitavo: autorizar-se a ser agente e não apenas apoiador.

Sintetizar, então, as vivências que o Método Paideia, o método da TCI e que os ensinamentos transculturais da UPAC mapearam nos pensamentos do corpo Saúde Coletiva, que lhes escreve, emerge a proposta de estágio da Graduação em Saúde Coletiva chamado “Roda de Afeto”.

E, enquanto uma pesquisa-apoio, o projeto “Roda de Afeto” tem por objetivos ou finalidades: primeiro, ampliar a compreensão sobre as potencialidades institucionais a ser criadas por pensamentos e corpo Saúde Coletiva; segundo, realizar uma análise institucional das relações de poder; terceiro, pensar-se como agente singular dessa rede social.

O apoio institucional é uma estratégia metodológica que procura compatibilizar essas três finalidades, reconhecendo que a gestão produz efeitos sobre os modos de ser e de proceder dos trabalhadores e de usuários das organizações. (CAMPOS,2014)

Mexer com as estruturas, validar, pelo menos por instantes, um modo de vida que celebre uma Saúde Viva em espaços institucionais é a ideia do projeto “Roda de Afeto” como dispositivo de apoio da Saúde Coletiva.

Preocupa-me o modo como hoje em dia as pessoas perdem bem-estar e qualidade de vida por não perceberem nem valorizarem fenômenos naturais que realmente influenciam nossa vida e como o racionalismo, com seu pseudocientificismo, trata como superstição tudo o que não se adapta à sua visão mecanicista do mundo. (GASPAR, 1995)

Contudo, trago o questionamento de Arenhart (2015, p.23): “mas o ponto de partida seria a pergunta se queremos ser novos Sanitaristas ou reproduzirmos as conhecidas práticas da saúde pública institucionalizada e verticalizada? ”

Nós, homens novos, nós que não temos nome, que somos difíceis de compreender, precursores de um futuro incerto – temos necessidade, para um novo fim, de um novo meio, quero dizer de uma *Saúde*, de uma *Saúde* mais vigorosa, mais aguda, mais obstinada, mais intrépida e mais alegre do que foi até agora qualquer outra saúde. (NIETZSCHE, 2016, p 258, grifo nosso)

Fazer Saúde na ou a partir das Rodas de Afeto, é pensar que seja possível transformar os tradicionais modelos assistenciais e gerenciais de saúde.

Observar e absorver o corpo do outro num processo em que o corpo do outro também possa te observar e te absorver. Prezar essas trocas de imagens, é lançar um olhar ativo sobre os conceitos de doenças e afetivo sobre as criações da Saúde.

5.1 ESTÁGIO DIVISÃO ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA

Como proposta de estágio obrigatório, supervisionado por docentes da Graduação em Saúde Coletiva da UNILA e orientado por funcionários das redes de serviço, o projeto “Roda de Afeto” não foi iniciado com esse intuito curricular.

Tampouco as Rodas foram iniciadas como método de trabalho, nem como pesquisa monográfica e muito menos como modos de pensamentos e corpo Saúde Coletiva. Tudo isso, aconteceu no processo

Era final de 2015, estava matriculada na disciplina de “Avaliação em Saúde”

do curso da GSC da UNILA. A professora, ao saber da adesão do município de Foz do Iguaçu ao terceiro do ciclo do Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica em Saúde (PMAQ), procurou a Secretária Municipal de Saúde (SMS) afim de articular uma parceria ensino-serviço. Tendo em vista que, “avaliação em saúde” é uma de suas áreas de pesquisa. Assim, nos últimos dias de novembro, a SMS marcou uma reunião na Universidade.

A coordenação de Estratégia Saúde da Família (ESF), alguns integrantes do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) e da equipe de Saúde Bucal (ESB) da SMS de Foz do Iguaçu participaram da reunião juntamente com alguns professores e estudantes da GSC.

Neste primeiro encontro, além de apresentar um breve relato sobre o desenvolvimento e os resultados do PMAQ no primeiro e segundo ciclo do Programa em Foz do Iguaçu, a coordenação de ESF demonstrou interesse na integração ensino-serviço para elaboração de uma ferramenta autoavaliativa dirigida, no terceiro ciclo, aos profissionais da Atenção Básica em Saúde do município.

No decorrer dessa reunião, pensei nas Rodas de Terapia Comunitária Integrativa (TCI): A TCI como ferramenta de autoavaliação, por que não?! Mas, e se SMS esperar uma ferramenta fechada!? Estrutura-se narrativas de uma Roda de TCI?!. Preferi ficar calada e guardar comigo os questionamentos.

A outra reunião, entre universidade e SMS, para apresentação dessa ferramenta, ficou agendada para janeiro de 2016.

O Ministério da Saúde publicita, em cada ciclo, os Manuais tanto instrutivos, do PMAQ, quanto de apoio à Autoavaliação para as equipes de Atenção Básica e Saúde Bucal. Este material de apoio para a Autoavaliação é denominado AMAQ.

E, através da leitura desses manuais, vislumbrei a oportunidade de desenvolver um trabalho que há tempos percorria meu imaginário: Um espaço, dentro de Instituições consideradas de Atenção Básica de Saúde, para criar um espaço Saúde Coletiva.

A Autoavaliação para Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica (AMAQ) é um instrumento elaborado pelo Ministério da Saúde para auxiliar os gestores no processo autoavaliativo do PMAQ.

Para o 3º Ciclo, o AMAQ está dividido em duas partes. A primeira está voltada a Equipe de Atenção Básica e ao Programa Saúde na Escola. A segunda, a Equipe de Saúde Bucal. As partes são divididas através de quatro dimensões e cada

uma delas apresenta subdimensões que as direcionam.

A dimensão *Gestão Municipal* possui as subdimensões: A- implantação e implementação da atenção básica no município, B- organização e integração da rede de atenção à saúde, C- gestão do trabalho e D- participação, controle social e satisfação do usuário; a dimensão *Gestão da Atenção Básica*, apresenta as subdimensões: E- apoio institucional, F- educação permanente e G- monitoramento e avaliação. *Unidade Básica de Saúde* é a terceira dimensão e possui as subdimensões: H- infraestrutura e equipamentos e I- insumos, imunobiológicos e medicamentos.

A dimensão *Educação Permanente, Processos de Trabalho e Atenção Integral à Saúde*, por sua vez, apresenta as subdimensões: J- educação permanente e qualificação das equipes de atenção básica, K- organização do processo de trabalho, L- atenção integral à saúde, M- participação, controle social e satisfação do usuário e N- programa saúde na escola. (BRASIL,2015)

De modo a possibilitar a quantificação das respostas autoavaliativas, o AMAQ descreve e detalha padrões de qualidade e, em seguida, os profissionais se avaliam a partir de uma escala numérica de zero a dez. Entretanto, tal material se torna cansativo pela quantidade de padrões estabelecidos. A título de exemplo, na dimensão *Gestão Municipal* há dezenove padrões, na dimensão *Gestão da Atenção Básica* há doze, a dimensão *Unidade Básica de Saúde* possui dezesseis padrões e na dimensão *Educação Permanente, Processo de Trabalho e Atenção Integral à Saúde*, por fim, esse número de padrões de qualidade vai para sessenta e um.

Entretanto, o AMAQ não é de uso obrigatório. Cabendo, assim, a cada SMS a decisão de como proceder em seu processo autoavaliativo para o PMAQ. Porém, a autoavaliação se torna um componente fundamental do Eixo Estratégico Transversal que desenvolve o PMAQ e dá sentido a sua execução.

Ao passar por todo o processo, a autoavaliação tem o papel de articulação e sensibilização dos envolvidos na implementação do Programa. No mais, em seu terceiro ciclo, o PMAQ, reconhecerá o esforço das equipes e do gestor municipal na elaboração de instrumentos inovadores que promovam a melhoria do acesso e da qualidade da Atenção Básica de Saúde.

De acordo com o Manual Instrutivo do 3º Ciclo do PMAQ: “a autoavaliação é um dispositivo que pretende provocar na equipe a constituição de um grupo sujeito da mudança e da implantação de novas práticas de atenção, gestão, educação e participação”. (BRASIL, 2015).

Assim, visualizei o processo autoavaliativo do PMAQ como um caminho potencial à Saúde Coletiva.

Passado o prazo estabelecido pela professora aos alunos para, quem quisesse, apresentar uma ferramenta autoavaliativa para o PMAQ, eu ainda me questionava se era possível utilizar a TCI como instrumento de gestão.

Como categorizar as narrativas expressadas durante as Rodas de Terapia Comunitária sem excluir os profissionais que as expuseram era o que mais me angustia. Mesmo sem respostas fui atrás da professora de “avaliação em saúde” e mostrei a ela minha proposta. Ela se interessou e assim agendou com SMS a reunião prevista para o começo do ano.

A segunda reunião, desse modo, aconteceu no prédio da SMS, no dia vinte e um de janeiro de 2016, com a coordenação da ESF, representantes do NASF, a professora da disciplina de “avaliação em saúde” e eu.

Tendo em mãos uma versão impressa do AMAQ e uma breve apresentação de PowerPoint, fui, insegura, apresentar a proposta de utilizar as Rodas de TCI como a ferramenta de Autoavaliação para o PMAQ em Foz do Iguaçu. Mas, mais que isso, fui com a ânsia de defender a importância das demonstrações emotivas na Atenção e Gestão da Saúde.

A imagem transmitida gerou momentos de alegria. Os corpos, ali presentes, sentiram potência ao vislumbrar no processo autoavaliativo do PMAQ a possibilidade de transformações. Trabalhar a Terapia Comunitária, no âmbito da gestão, abre caminhos para tomada de decisões mais afetivas.

Entretanto, neste dia, também houve momentos de tristezas. Não sabíamos como mensurar as narrativas que seriam expressadas durante as Rodas.

Porém, entramos em acordo que era possível nessa categorização envolver as dimensões Gestão Municipal, Gestão da Atenção Básica, Unidade Básica de Saúde e Processos de Trabalho, Educação Permanente e Atenção Integral à Saúde, propostas pelo AMAQ.

No dia dezoito de fevereiro de 2016, ocorreu nossa terceira reunião, nas instalações da SMS. Na reunião anterior, tive ciência que alguns profissionais da Atenção Básica de Saúde de Foz do Iguaçu possuíam formação em TCI - momentos de alegria. Para reunião do dia dezoito, então, essas terapeutas comunitárias foram convidadas.

Nesta terceira reunião, dia dezoito de fevereiro, o debate sobre a relação

dos afetos e o desejo de produzir Saúde foi resgatado. Desse modo, os profissionais NASF com formação em TCI, se entusiasmaram em voltar a praticar a Terapia e ofereceram apoio. No mais, a desconfiança, por parte de alguns, apontou a necessidade da transparência no processo de categorização dessas Rodas de TCI.

Mesmo com as dúvidas sobre o método para mensurar as falas dos profissionais como uma auto-avaliação, a proposta de utilizar a TCI como ferramenta foi aceita por todos. Nesse ensejo, surgiu a fala: “Precisamos apostar no novo! ”.

Assim, desse encontro, surgiu o acordo dos estabelecimentos de Saúde “pilotos” e das datas para as primeiras Rodas de Afetos. Dia onze de março na Unidade Saúde da Família (USF) do Jardim Três Bandeiras e dia quinze de abril na USF da Vila “C” Nova.

A tradicional ideia de processos avaliativos, baseadas em juízos de valores, pode gerar bloqueios nas relações institucionais. Influenciadas pelo imaginário de avaliações verticalizadas e com sanções, as equipes se tornam fechadas. E a forma pelo qual foi desenvolvido os dois ciclos anteriores do PMAQ em Foz do Iguaçu, fez com que o Programa se tornasse um assunto significativamente delicado de se tratar nas EAB do município.

No período que sucedeu a terceira reunião antes da primeira Roda de Afeto no Jardim Três Bandeiras, a SMS marcou uma reunião com a Residência Multiprofissional em Saúde da Família da UNILA. Esse encontro teve o objetivo de formar observadores para as Rodas de Afeto, no caso, os residentes foram designados.

A GSC tão logo, não indicou discentes para fazer tais observações. E, a vontade, nesse terceiro ciclo do PMAQ, de achar a melhor forma para trabalhar as narrativas expressadas pelas EAB durante as rodas de TCI como um processo autoavaliativo fez com que a SMS procurasse um auxílio a mais da academia. Dessa forma, os residentes multiprofissionais, como são também trabalhadores do serviço, ficaram responsáveis por fazer anotações e, depois, em sala de aula, junto com seus professores, trabalhariam o processo de categorização.

Os residentes, assim, cordialmente, apoiaram a proposta das “Rodas de Afeto” e fizeram anotações consideráveis, sobre os sentimentos expressados pelos seus colegas das EAB, durante todas as Rodas pilotos.

O acordo estabelecido nas reuniões, foi que faríamos duas Rodas de TCI na USF Vila C Nova e duas Rodas de TCI na USF do Jardim Três Bandeiras. E, em

seguida, como devolutiva, faríamos uma terceira Roda, em cada unidade, com a categorização das narrativas expressadas nas rodas anteriores.

A categorização em sala de aula, entretanto, nunca foi a pretensão das “Rodas de Afeto”. Assim, após alguns conflitos internos, o residente multiprofissional e também terapeuta comunitário, Carlos Meister, que agiu com suas emoções e suas técnicas nas execuções de todas as Rodas no município, propôs uma forma poética de categorização para os nossos encontros de afeto.

Através do programa “TAGUL “ as narrativas expressada durante as Rodas e anotadas, em cada USF, pelos residentes multiprofissionais, foram compiladas em duas nuvens. Uma com os dizeres que potencializam a força de existir das EAB. E, uma outra, com os dizeres que diminuem a força de existir das mesmas. Nominada, carinhosamente assim, de nuvem sobe e de nuvem desce.

Nas Rodas de devolutivas, portanto, as nuvens sobem e descem, em cada unidade, foram utilizadas para estabelecer, inter equipes, situações disparadoras. Colocar em encontro diferentes agentes para trocar imagens sobre as representações dos dizeres contidos nas nuvens.

E, desse modo, propor uma perspectiva de Gestão do Trabalho em Saúde. Pois, dessas trocas de imagens, deveriam surgir dois acordos de gestão. Um, entre a coordenação da USF e as equipes da unidade, e outro, entre a coordenação da USF e a coordenação da ESF municipal.

As Rodas de Afeto, através do processo autoavaliativo do PMAQ, então, abriu-se para trabalhar, em estabelecimentos de Saúde de Foz do Iguaçu, afetuosos dispositivos de gestão.

5.1.1 RELATORIAS DE ESTÁGIO

5.1.1.1 Roda de Afeto I (1 de março de 2016)

Local: Salão Comunitário do Jardim Três Bandeiras

Roda de Afeto nesta USF: 1

Data: 11/03/2016

Início: 12h

Término: 13h20min

O Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica (PMAQ) é uma proposta do Ministério da Saúde (MS) para verificar os

resultados da Política Nacional de Atenção Básica em Saúde, elaborada em 2011.

Através da análise de indicadores externos e internos, serão avaliadas a infraestrutura das Unidades Básicas de Saúde, a Gestão Municipal e a Gestão da Atenção Básica, as Equipes de Atenção Básica (EAB), incluindo Equipes Saúde da Família (EFS), Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) e Equipes de Saúde Bucal (ESB). Esses indicadores estão no Manual Instrutivo do 3º Ciclo do PMAQ – encontrado no site do Ministério da Saúde, portal da Diretoria de Atenção Básica.

Em 2015, Foz do Iguaçu (re)contratualizou com o MS sua terceira adesão ao Programa.

Pelo método da Terapia Comunitária Integrativa (TCI) e com o apoio da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), o projeto de estágio “Roda de Afeto” pretende desenvolver, junto às Equipes de Atenção Básica, o processo de Autoavaliação do PMAQ.

A autoavaliação é um importante indicador interno, sendo um instrumento de identificação dos pontos problemáticos e também positivos das relações e da qualidade do trabalho em Saúde.

O projeto “Rodas de Afetos” deseja construir bons encontros entre a universidade e os serviços de Saúde da rede de Atenção Básica de Foz do Iguaçu por meio do discurso afetivo. *Rodas, círculo, coletivo, horizonte. Afeto, fluxo, conexão, novas pontes. Emoção e mudança.*

Cada Roda acontece de forma única, visto que os participantes são convidados a expressarem seus sentimentos a partir da sua experiência em ser um trabalhador da saúde. As emoções envolvidas em cada Roda de Afeto são demonstrações de corpos que estavam, ali, naquela experiência em círculo, conectados.

Assim, no dia 11 de março, a primeira Roda, para a autoavaliação do PMAQ, foi construída na Unidade Saúde da Família (USF) Três Bandeiras junto as ESF, a ESB, o NASF e a gestão.

Nesta Roda, a forma de acolhimento e desenvolvimento da TCI foi a utilização de *objetos para a integração*. No centro do círculo, foram postos vários artefatos. Em seguida, foi pedido para que cada integrante se apresentasse de forma sucinta. Após a breve apresentação, os participantes foram convidados a se reapresentarem, mas agora utilizando os objetos que estavam no meio da Roda: Instrumentos musicais, pena, espeto, vassoura, pedra, relógio, galhos secos e vivos,

uma mini coruja de madeira, entre outros.

Dessa maneira, o espeto acabou identificando um bom churrasqueiro; a coruja, uma pessoa que ama buscar novos conhecimentos; o relógio, revelou alguém que queria passar mais tempo com a família; a vassoura, quem deseja mudança; um instrumento musical, demonstrou um curioso nato. Esta ação de acolhimento, proporcionou um espaço, entre os participantes da Roda, de identificações para além da sua prática profissional.

A TCI é composta basicamente de três grandes momentos: *acolhimento*, *contextualização* e *problematização*. A realização dos dois últimos, nesta Roda, aconteceu no mesmo fluxo dos *objetos de integração*. Porém, para estes momentos, os objetos selecionados do centro do círculo foram: a pedra, a pena, a vassoura, a coruja e o relógio.

Cada participante, através de um desses utensílios, foi estimulado a relatar suas dores e amores em ser um profissional da Atenção Primária em Saúde. Convidado expressar seus sentimentos perante as dificuldades e a simplicidade em ser um agente promotor da Saúde. E, sempre sendo alertados, que nas Rodas de TCI só pode falar da própria experiência, sem dar conselhos, sermões ou fazer discursos.

Desta maneira, os profissionais, com o auxílio dos objetos e numa dinâmica que prezou a escuta, elencaram palavras. Palavras presas, palavras soltas, palavras que precisam ser ditas. A pedra, neste contexto, foi relatada como um peso, uma sobrecarga nos ombros do trabalhador; a pena, disse sobre a leveza, o amor pela Saúde; a vassoura, de forma performática, demonstrou aquilo que a pessoa quer varrer para longe dos serviços de Saúde; a coruja, o desejo de sempre aprender mais.

Sentimentos expressados:

Pedra = Desestímulo; Frieza com as pessoas; Falta de profissionais; Falta de estrutura; Falta de apoio; Vencer eu mesmo; Desânimo; Angústia; Medo; Falta de Integração; Falhas no sistema; Descaso da gestão; Estresse, Sentimento de impotência; Auto cobrança.

Pena = Amor à Saúde Pública; Trabalhar com as pessoas; Ver um sorriso; Amizade; Elo; Vínculo; Amor à profissão; Acolhimento; Empatia; Companheirismo; Dar tudo de si; Esperança na mudança.

Vassoura = Ansiedade; Insegurança; Medo; Desânimo; Deixar de acreditar que eu posso fazer mais; Desgaste físico; Impotência; Incompetência; Desorganização.

Coruja = Compartilhar conhecimentos; Sabedoria; Aquilo que não vai me

adoecer.

Relógio = Problemas levados para casa; Pouca atenção aos colegas de trabalho; Esgotamento físico.

A partir dessa dinâmica, foram anotadas palavras/frases que servirão para o processo Autoavaliativo no PMAQ. As expressões dos participantes da Roda servirão como indicadores internos. Tais indicadores, apontarão o sentido para se planejar novas ações nos serviços de Atenção Básica em Saúde com intuito de melhorar o seu acesso e a sua qualidade.

Figura 1: Ritual da Saúde.



Fonte: Acervo pessoal.

5.1.1.2 Roda de Afeto II

Local: Unidade Saúde da Família Vila “C” Nova.

Roda de Afeto na USF: 1

Data: 15/04/2016

Início: 12h

Término: 13h00min

Por meio das Rodas de Terapia Comunitária Integrativa (TCI) e com o apoio da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), num projeto denominado “Roda de Afeto” pretende-se desenvolver, junto às EAB, o processo de

Autoavaliação do PMAQ. Importante indicador interno, a Autoavaliação pode ser compreendida como um instrumento de identificação dos pontos problemáticos e também positivos nas relações de trabalho das Equipes.

A primeira Roda de Afeto para o PMAQ, aconteceu dia onze de março na Unidade Básica de Saúde do bairro Três Bandeiras. Optou-se, nesta Roda, pela utilização do que denominamos *objetos de integração*. No centro do círculo, foram postos vários artefatos: instrumentos musicais, pena, vassoura, pedra, relógio, calculadora, uma mini coruja de madeira – artesanato Guarani, entre outros.

No dia quinze de abril, a segunda Roda de Afeto, ocorreu na Unidade Básica de Saúde do bairro Vila “C” Nova. Estavam presentes a ESF e a gestão da UBS, assim como representantes do NASF e da ESB. Ao meio-dia, iniciamos a nossa conversa.

Primeiramente, foi relatado o porquê da TCI como ferramenta de Autoavaliação para o PMAQ. Falou-se, brevemente, o que era o PMAQ e sobre a importância da Autoavaliação para Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica em Saúde. Foi dito, também, sobre o AMAQ e suas quatro dimensões – Gestão Municipal; Gestão da Atenção Básica; Unidade Básica de Saúde; Educação Permanente, Processo de Trabalho e Atenção Integral à Saúde, e que haveriam residentes anotando algumas falas dos participantes da TCI conforme essas dimensões.

Contudo, a ênfase foi dada sobre a prática da Terapia Comunitária Integrativa e suas regras. Que intuito das Rodas é criar um espaço horizontal de discussões sobre os elementos que atrapalham o desenvolvimento da UBS e, ao mesmo tempo, criar um ambiente afetivo de compreensão dos sentimentos do outro.

Assim, com a utilização dos mesmos *objetos de integração* usados na Roda de TCI da UBS Três Bandeiras, solicitou-se que os participantes falassem um pouco sobre o que é ser um profissional da Atenção Básica de Saúde. Houve um longo silêncio. Alguns abaixaram a cabeça, outros se entre olhavam esperando alguma iniciativa.

A pessoa que primeiro levantou, pegou uma calculadora do centro da Roda, uma outra, depois, pegou o relógio de pulso e ambas relataram sobre a divisão do tempo e do trabalho. A dificuldade em organizar o nosso próprio tempo e de realizar as atividades grandemente demandadas.

A pedra, terceiro objeto escolhido, serviu para exemplificar os vários

obstáculos que encontramos em nosso caminho, foi dito que na vida há pedras grandes e há pedras pequenas e que precisamos aprender a conviver com elas.

A mini coruja de madeira transcorreu sobre a necessidade de uma visão ampliada nos serviços de Saúde, pois assim como a coruja que tem visão de 360 graus, o profissional da Saúde necessita de um olhar amplo sobre o funcionamento do sistema.

A vassoura, por sua vez, serviu de objeto que disse sobre a comunicação em saúde. Através dela, o profissional relatou a dificuldade em se falar sobre qualidade de vida para os usuários da USF, pois o profissional promove orientações, principalmente, alimentar e atividades físicas, mas os usuários não realizam as mudanças de hábito necessárias. *“Às vezes dá vontade de jogar essa vassoura na cabeça deles”*, desabafou um trabalhador.

Entretanto, esse profissional disse compreender que a culpa não é do usuário em si, e o que faz ele sofrer é saber da importância dos hábitos saudáveis na vida da pessoa, mas não poder fazer nada para modificar a estrutura ou condição social na qual ela está inserida.

Dois integrantes da Roda, cada um à sua vez, por fim, escolheram a flauta andina. O instrumento musical, dentre os objetos, se destacou por representar a harmonização. Foi relatado que, dependendo da organização da unidade de saúde, essa relação pode ser harmônica como uma melodia.

A partir das imagens dos objetos, abriu-se a votação de qual narrativa escolher para ser a temática dessa Roda de Afeto. Assim, das opções calculadora/relógio, pedra ou instrumento musical, a flauta andina foi selecionada. Desse modo, lançou-se a pergunta: Como eu lido com a desarmonização da Rede de Atenção Básica em Saúde?

As respostas mais expressivas, relataram sobre a importância de fazer a sua parte. Falaram, também, da necessidade de se prestar atenção para que a música toque sempre em consonância. E, sobretudo, descreveram que, com o tempo, aprende-se a dançar conforme a música.

Figura 2 - Melodia



Fonte: Acervo pessoal

5.1.1.3 Roda de Afeto III

Local: Unidade Saúde da Família Vila “C” Nova.

Roda de Afeto nesta USF: 2

Data: 17/06/2016

Início: 12h

Término: 13h20min

A terceira Roda de Afeto ou Roda de TCI para o processo Autoavaliativo do PMAQ, aconteceu novamente na Unidade Saúde da Família da Vila “C” Nova, distrito sanitário norte de Foz do Iguaçu. As Unidades de Saúde do bairro “Três Bandeiras” e da “Vila C Nova” foram os estabelecimentos escolhidos, em acordo com a coordenação da ESF e com o NASF, para as Rodas pilotos.

Por isso, foi acordado que realizaríamos as Rodas para o PMAQ, inicialmente, duas vezes em cada uma dessas Unidades de Saúde e depois faríamos a Roda de devolutiva para as mesmas.

Desse modo, a segunda Roda de Afeto para o PMAQ, na USF da Vila C Nova, aconteceu dia 17 de junho, numa sexta-feira fria. Estava perto do fim do expediente, mas, mesmo assim, havia muitos usuários a serem atendidos pelo único médico que compareceu, esse dia, na Unidade. Inevitavelmente, se fez perceptível o quanto isso, inicialmente, desconfortou às Equipes. Entretanto, esse fato não atrapalhou o desenvolvimento da nossa Roda de Afeto.

Para *acolhimento* dessa Roda a “Celebração da Amizade” foi a temática, pelos terapeutas, escolhida. Alguns integrantes, presentearam os demais colegas declamando e oferecendo a letra da música “Amigo Velho” do grupo Falamansa. Em seguida, os embalos do forró conduziram os corpos presentes à dançarem pelo salão e recepção da Unidade de Saúde.

A nossa conversa terapêutica começou através do convite para os participantes falarem sobre a amizade criada ao se trabalhar naquela Unidade Saúde da Família. Assim, relatos emocionantes como de duas amigas, ambas enfermeiras, que se conhecem há muitos anos, desde os tempos de escola. Tinham as mesmas ideias, mas cada uma buscou seu caminho na graduação. Acreditam que o amor pela Saúde Pública, agora, as uniu novamente. E estão muito felizes por trabalharem juntas.

Uma Agente Comunitária de Saúde nos disse que fez amizades, trabalhando na USF, que ela sabe que pode contar para a vida toda. Outra ACS, revelou que há amigos, ali, que já fazem parte da sua família. “Presente de Deus” foi a frase escolhida, por uma terceira ACS, para expressar o que é trabalhar na Unidade.

Os atritos, que acontecem nessas relações, também foram evidenciados. Alguns integrantes nos disseram que os conflitos sempre estarão presentes na vida e que o importante é ser humilde e reconhecer os erros, pedir desculpas. “Os atritos fazem parte da amizade”, foi dito. Houve, sobretudo, nesse momento, relatos de ACSs que se sentem excluídos pela gestão. Não possuem sala dentro da Unidade para trabalhar e são obrigados a ficarem do lado de fora.

Nesse ensejo, convidamos os trabalhadores da USF a, simbolicamente, varrerem àqueles sentimentos que não gostariam de carregar e que estivessem do lado de fora da Unidade de Saúde. Assim sendo, com uma vassoura nas mãos, os profissionais da Atenção Primária à Saúde da USF da Vila C Nova, expressaram não desejar as seguintes emoções: “Incapacidade de resolver meus problemas”. “Falta de comunicação”. “Minha mania de doença psiquiátrica”. “Timidez”. “Falha na comunicação”. “Briga, encrenca”. “Monotonia e mecanização no atendimento”. “Centralização”. “Preguiça”. “Desorganização”. “Incapacidade de resolver sozinho os problemas”. “Transtorno bipolar”. “Desânimo”. “Falta de paciência”. “Mania de anotar tudo”. “Medo e insegurança”. “Ansiedade e desorganização”. “Neura”. “Mania de limpeza”. “Falta de tempo”. “Estresse”. “Medo”. “Falta de autonomia”. “Estresse com relação aquilo que não posso mudar”. “Cansaço”.

Figura 4 - Há-braSUS



Fonte: Acervo pessoal.

5.1.1.4 Roda de Afeto IV

Local: Salão Comunitário do Jardim Três Bandeiras

Roda de Afeto nesta USF: 2

Data: 01/07/2016

Início: 11h30min

Término: 12h20min

A USF da Vila C Nova e do Jardim Três Bandeiras foram as Unidades de Saúde selecionadas, pela Secretária Municipal de Saúde de Foz do Iguaçu, como estabelecimentos pilotos para desenvolver a Terapia Comunitária Integrativa (TCI) como ferramenta para o processo autoavaliativo do Programa Nacional da Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica (PMAQ-AB).

Duas rodas de TCI para cada Unidade e um terceiro encontro para a devolutiva, foi o método escolhido para aplicar essa proposta.

Assim, a segunda Roda de Afeto para o processo Autoavaliativo do PMAQ com os profissionais da Unidade Saúde da Família do bairro Três Bandeiras teve um

clima junino. Com o Salão Comunitário todo decorado para o evento de São João, o ambiente propiciou a dança. Houve forró, samba, pagode e MPB. Em pares ou num abraço coletivo os profissionais foram convidados a balançar os corpos.

O acolhimento da Roda aconteceu com uma dinâmica que falava sobre o Amor, a Paz e o Sorriso. Nessa brincadeira, o Amor (três palmas) sai à procura da Paz (aperto de mãos) e descobre que esse sentimento está presente dentro de cada pessoa, basta ela encontrar seu Sorriso (gargalhadas). Em seguida, o tema escolhido para essa Roda foi, como na USF Vila C Nova, a amizade. Dessa maneira, relatos como: “colegas, aqui, fazem papel mais que parentes!”. “Eu tenho o Três Bandeiras como minha família!” emocionou alguns participantes presentes. O vínculo dos Agentes Comunitários de Saúde com a comunidade gerou, também, bons discursos.

A problematização da Roda de TCI se deu por meio de um balde, uma escova e um produto de limpeza. Com esses objetos, as Equipes de Atenção Básica foram convidadas a responder performaticamente: “O que você quer limpar de si?”. Através essa pergunta, pretendeu-se que os sentimentos, que as pessoas queriam escovar para fora do seu corpo enquanto profissional da Saúde, fossem expressados. Com isso, palavras como: “Perda de esperança”. “Impotência”, “Gripe”, “Mau humor”, “Medo”, “Gordurinhas”, “Não querer novos objetivos”, “Preocupação”, “Timidez”. Foram ditas. Outras palavras como: “Insegurança”, “Desânimo”, “Ansiedade” e “Cansaço” estiveram presentes em várias falas.

Durante a nossa Roda de Afeto, dançamos, cantamos, brincamos, corremos e nos abraçamos. Como processo de encerramento da Roda, a música “Minha Vida” de Rita Lee foi selecionada. Formada a mandala humana, os integrantes nos disseram um pouco sobre as sensações de participar desse processo autoavaliativo.

E ao ritmo da canção... “Cenas do álbum memória” nosso encontro terminou com o convite a refletir e guardar com amor as imagens boas que a USF Três Bandeiras ofereceu a cada profissional que ali se propôs produzir Saúde.

Figura 5 - Xote da Amizade



Fonte: Acervo pessoal.

5.1.1.5 Roda de Afeto V

Local: Unidade Saúde da Família Vila “C” Nova.

Roda de Afeto nesta USF: 3

Data: 08/07/2016

Início: 11h45min

Término: 13h00min

A gestão municipal de saúde de Foz do Iguaçu está passando uma série de dificuldades administrativas e financeiras. O Poder executivo da prefeitura realizou sucessivas atos de corrupção que gerou a prisão do prefeito e dos quatro secretários de saúde por ele indicados nesta gestão. Várias categorias profissionais entraram em greve e uma delas foi a do serviço de apoio.

Neste dia, o clima de sujeira deixado, por todos esses atos de descaso do dinheiro público, deixou o ambiente da USF pouco fluido. A desilusão nos representantes eleitos, do governo municipal, via-se nos olhos dos trabalhadores.

Como método de devolutiva das duas Rodas de Afetos anteriores realizadas na USF, compilou-se as narrativas expressadas durante as TCI em duas nuvens de palavras. Uma com os dizeres potencializadores e outra com os dizeres que diminuem a potência das Equipes.

As narrativas foram anotadas pelos trabalhadores da residência

multiprofissional em Saúde da Família da UNILA que atuam em conjunto com as equipes do NASF. Os residentes participaram e iluminaram todas as Rodas de Afeto com suas vivências.

Assim, com o compilado de narrativas à imagem de nuvens, se dividiu os trabalhadores em grupos para que eles construíssem, a partir dessas imagens, acordos e pactuações entre a coordenação de Atenção Básica Municipal e as Equipes de Atenção Básica dessa USF.

Figura 6 - Trocas



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 7 – Nuvem Sobe. USF Vila C Nova.



Fonte: (ARENHART; MELARA, 2016).

Figura 9 - Rede de Atenção à Saúde



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 10 - Roda que apoia



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 11 - Nuvem Sobre. USF Jardim Três Bandeiras

16/07/2016

Cloud 11

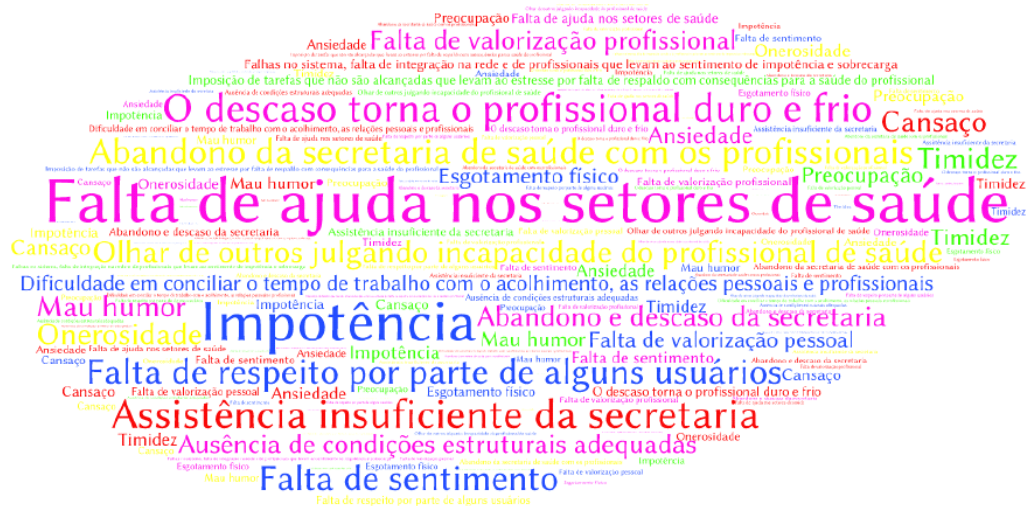


Fonte: (ARENHART; MELARA, 2016).

Figura 12 - Nuvem Desce. USF Jardim Três Bandeiras

16/07/2016

Cloud 10



Fonte: (ARENHART; MELARA, 2016).

5.1.1.7 Roda de Afeto VII

Local: Unidade Saúde da Família do bairro Porto Belo.

Roda de Afeto nesta USF: 1

Data: 11/11/2016

Início: 11h30min

Término: 13h00min

Como primeira Roda nessa USF, o começo estava com o clima pouco fluido. Logo que o outro ator e eu chegamos, fomos recepcionados com um ato de simbólico de uma porta fechada. Quem nos recebeu disse: “Não queremos o PMAQ aqui!”, sorriu e abriu o acesso.

O processo de acolhimento, iniciou com o convite aos trabalhadores respirarem de mãos dadas ouvindo, ao fundo, um som do cantar dos pássaros. Inspiração e Expiração numa atividade de pôr para dentro sentimentos bons da USF e por para fora sentimentos ruins sobre a USF.

O espaço da recepção da USF é pequeno e numa roda meio quadrada começamos nossa conversa. A coordenação municipal da ESF iniciou falando sobre o PMAQ e como ele se deu nos dois ciclos anteriores.

As energias começaram a fluir e, em seguida, no tempo dos primeiros versos da canção “Passarinho” do grupo Gragoata, a Roda já estava bem circular. Nessa conexão, falou-se que há relações na USF que fazem nossos pensamentos voarem e outros que fazem nossos pensamentos ficarem no chão. E na vida real encontramos pessoas em que podemos encostar para descansar e ancorar o peito.

Na dinâmica da vassoura, onde as pessoas pegam o objeto e simbolicamente varrem as sensações que fazem seu corpo se sentir despotente, surgiu por diversas vezes as palavras “cansaço”, “preocupação”, “doença” e “ansiedade”. No mais, as seguintes narrativas também foram expressadas: Varrer minhas dores e problemas de saúde; esse ano e a administração; problemas no trabalho e particulares; maus pensamentos e pessimismo; a quantidade alta de pacientes; comodidade; insegurança; desânimo e dores nas costas; estresse; ingratidão do ser humano; falsidade; medo; mágoas.

Depois, se perguntou às Equipes quais são os aspectos mais positivos da USF Porto Belo e, assim, apareceu: Alegria; união da equipe; missão dada é missão cumprida; amizade. Também houve a pergunta dos aspectos que eles consideram

mais negativos para a USF: falta de recursos materiais; a desunião gerada por Equipes que passaram a trabalhar em horários distintos.

Figura 13 – Unidade Porto Belo



Fonte: Acervo pessoal.

5.2 ESTÁGIO GRUPO DE TRABALHO SAÚDE MENTAL: PRAE/UNILA

A UNILA, enquanto uma louca nau do conhecimento, transporta corpos vindos dos mais diversos lugares. Aqui, nesses navios, há corpos vindos de mares caribenhos, de mares atlânticos, de mares pacíficos, há corpos vindos de rios amazônicos, rios franciscos, rios platinos, rios, enfim, são corpos vindos de muitas águas, e que, no encontro do rio Iguaçu e Paraná, se unem para construir essas novas embarcações.

Consciente ou inconscientemente, mas se encontram! Dentro dos seus navios da graduação e/ou técnicos, muitas vezes, os corpos não oportuniza vivenciar os saberes que estão contidas em toda a expedição.

E essa integração, necessária para se compreender o porquê se navega, cada vez se torna mais difícil. Infelizmente, para os navios UNILA, que estão tomando proporções tronco-linguísticas semelhantes aquelas que colonizaram essas águas. E essa linguagem, vale ressaltar, constrói naus fechadas.

Alguns presos passaram mais de dez anos enterrados em calabouços solitários do tamanho de um ataúde, sem escutar outras vozes além do ruído das grades ou dos passos das botas pelos corredores. (...) Condenados a essa solidão, salvaram-se porque conseguiram conversar, com batidinhas na parede. Assim contavam sonhos e lembranças, amores e desamores; discutiam, se abraçavam, brigavam; compartilhavam certezas e belezas e também dúvidas e culpas e perguntas que não têm respostas. (GALEANO, 2013)

A loucura, enquanto gênero do conhecimento, requer naus com portas abertas, escancaradas ao mudo e a quem quiser entrar. E, esse navio de loucos, não faz distinção dos corpos, pois procura viver as suas intensidades. A partir dos afetos, os navios de loucos criam suas linhas de fuga, fazem conexões e constroem suas próprias pontes que ligam uma nau à outra. E é nessa busca incessante de paixões que se encontra a sublime sabedoria da loucura.

Primeiramente, é claro serem todas as paixões desregradas produzidas pela loucura. A única diferença entre o louco e o sábio é que o primeiro obedece às suas paixões, o segundo à sua razão. No entanto, são essas paixões que servem de guia aos que voam com ardor na carreira da sabedoria; são elas que os incitam a cumprir os deveres da virtude, e lhes inspiram a ideia e o desejo de fazer o bem. (ROTTERDÃ, 1982)

Com apoio da Seção de Psicologia da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), por meio do Grupo de Trabalho Saúde Mental, a proposta de estágio “Roda de Afeto” em Saúde Coletiva começou a se concretizar na UNILA.

O GT, foi criado no ano de 2015 pelos psicólogos, assistentes sociais e enfermeiras da UNILA. A partir de grandes demandas de Saúde Mental da comunidade acadêmica, os funcionários se reuniram para buscar protocolos de atendimentos, oferecidos pela Rede de Atenção à Saúde (RAS) do município de Foz do Iguaçu. Sobretudo, nos serviços de urgência e emergência.

No mais, nesses encontros, descobriu-se afinidades, entre os mesmos do GT, em relação a Reforma Psiquiátrica Brasileira (RPB). Assim, em 2015 e 2016, o grupo realizou eventos discutindo a luta antimanicomial na América Latina. Através de cine-debates e rodas de conversas, na I e II Semana de Saúde Mental da UNILA, o GT da PRAE trouxe debates sobre modelos assistências em saúde mental, sobre as articulações das RAS, sobre práticas manicomiais nas instituições de ensino e nos serviços de saúde, entre outros.

No final do primeiro semestre de 2016, procurei o GT para apresentar

minha proposta de estágio em Saúde Coletiva. Nesta reunião, exibe ao grupo as “Rodas de Afeto” que estavam acontecendo no município e, demonstrei a eles, que o desejo do estágio na UNILA era de compreender o que pode fazer um profissional da Saúde Coletiva no eixo da Atenção à Saúde.

Como isso é uma imagem, por ser nova, difícil de materializar tanto para o GT quanto para mim, ficou-se acordado que a TCI daria a metodologia do espaço. E que o estágio começaria no próximo semestre, com as “Rodas de Afeto” e com sessões de cinema que promovesse troca de imagens sobre o inconsciente.

Agora, portanto, o eixo da Saúde Coletiva em destaque, não seria mais o da Gestão em Saúde. O desafio estaria em se criar um espaço permanente, dentro da UNILA, em que se pudesse criar o eixo de Atenção à Saúde.

Criar um espaço, dentro da Universidade, em que possa escoar a loucura da gente. Com cuidado, ouvidos e olhos atentos e com liberação de muitos afetos. Afetos que fazem a gente se sentir mais vivo, sem matar o outro. Espaço que não se mate as ideias, as imagens mentais, as emoções do corpo do outro. Essa é a proposta da “Roda de Afeto” na UNILA.

A cantora Elis Regina, em entrevista concedida ao programa “Jogo da Verdade” em 1982,⁷ disse:

Mais uma via pra gente poder escoar a loucura da gente, porque senão fica tudo uma loucura via Embratel, enquadrada que nem ervilha em lata, só muda a marca. Loucura é loucura e é fundamental, deixa por aí, solta, como o diabo gosta, entendeu?! E a gente vai reformulando, pegando um pedaço daqui, um pedaço dali, quando os homi percebe eles tão com a cabeça feita.

A partir dessa imagem, surgiu a visualização inicial de se transplantar o projeto “Roda de Afeto” para dentro das loucas naus da Academia unileira.

5.2.1 RELATORIAS DE ESTÁGIO

⁷Elis Regina. Entrevista. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YnAyyho01PM>>. Acesso em: 16 nov.2016.

5.2.1.1 Roda de Afeto I

Local: Sala G101- UNILA (Jardim Universitário)

Dia: 06/09/2016

Início: 13h

Término: 14h15min

Com o apoio da Seção Psicologia da PRAE e do GT Saúde Mental dessa Pró-Reitoria, a Roda de Afeto, enquanto proposta de estágio da Graduação em Saúde Coletiva, ganhou espaço na UNILA. O projeto envolve os conhecimentos desse curso da Instituição, a organização do discurso da Terapia Comunitária Integrativa (TCI) e, sobretudo, os saberes vivenciados na Universidade Popular de Arte e Ciência (UPAC).

O intuito do estágio, contudo, é criar um espaço de intensidades coletivas através de processos de escuta atenta e de expressões corporais. Manifestações espontâneas da liberação de imagens mentais. Seja elas potencializadoras ou não. Seja elas na linguagem que for. E, para que isso aconteça, o espaço necessita imantar reciprocidade.

No dia seis de setembro, no campus Jardim Universitário, aconteceu a primeira “Roda de Afeto” como projeto de estágio supervisionado nesta e por esta Instituição de Ensino Superior.

Para ambiência da sala, nesse encontro, a iluminação foi reduzida, projetou-se mandalas e sonorizou-se canções latinas da banda “LaSmala”. Em círculo, se organizou os colchonetes para em seu centro encontrar chocalhos e incensos.

De início, mesmo com os colchonetes já posicionados, os primeiros a entrarem na sala se acomodaram nas cadeiras que estavam encostadas nas paredes. Ali permaneceram até surgir o convite supostamente oficial para se aproximarem da Roda. A partir daí, o fluxo começou a se desbloquear. Sentados no chão, alguns se sentiram à vontade para tirar os sapatos.

Para acolher os convivas, a convite, um corpo presente na Roda colocou uma música no YouTube que lhe faz sentir bem. Assim, aos embalos dessa trilha sonora, começou-se, em coletivo, o processo de inspirar e expirar lentamente... inspirou-se o que há de bom e expirou-se o que há de ruim.

Em seguida, houve o questionamento de como podemos nos comunicar para além da linguagem verbal e como resposta surgiu abraços, muitos abraços e surgiu músicas.

Rolou funk “tum tum tum” e todos dançaram.

Rolou cântico xamânico e em formato de caracol pedimos a esse espiral sugar o que há de ruim e levar o que há de mau.

Rolou Raul Seixas e, por instante, teve-se coragem.

E rolou trocas sobre percepções do Amor.

“O que é o Amor?!” foi a pergunta que norteou nossa roda de conversa. Ah, dessas respostas saiu imagens lindas! Imagens que só aquele corpo que falava sabe, mas num processo de amor ao outro, quis, naquele momento, através da fala, traduzi-las.

Para finalizar nossa Roda de Afeto, um outro participante, cordialmente, ofereceu um Hino. Dessa maneira, fazendo do projetor e do YouTube um karaokê coletivo, os corpos presentes se abriram para a canção “Hymne à l’Amitié” e daí celebrou-se a amizade em francês! Bem, pelo menos tentou-se!

Figura 14 - Cada ser tem sonhos a sua maneira



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 15 - Daqui a pouco o dia vai querer raiar



Fonte: Acervo pessoal.

5.2.1.2 Roda de Afeto II

Local: Sala G101- UNILA (Jardim Universitário)

Dia: 13/09/2016

Início: 13h

Término: 15h15min

A Roda de Afeto, como projeto de estágio junto ao GT Saúde Mental-PRAE, no dia 13/09, fluiu sob um dia em que o vento deu o ar de sua graça. Pelas ruas iguaçuenses, a sensação dessa brisa é tão passageira que, em algum lugar dentro da gente, muitas vezes, eterniza-se a felicidade sentida nessa junção do vento com a face. E foi no fluxo dessa bruma leve que alguns corpos pousaram na sala G101 do campus Jardim Universitário da UNILA para este segundo encontro.

Simple e suave coisa... Ao centro do círculo, formado com colchonetes, havia uma caixa com lápis de cores e giz de ceras, havia também alguns desenhos de mandalas para colorir.

Como iniciativa de acolhimento aos participantes dessa Roda, houve o convite para sentirem, cada um com um giz, os aromas dessas ceras coloridas. Em seguida, através de um bate-papo, rolou trocas de imagens que associaram esse objeto de colorir com a infância e/ou lugares e pessoas que estavam presentes nessas

cenar. Cenas que o corpo humano capturou do encontro entre ele e o giz de cera. Ali, na Roda, alguns se sentiram a vontade de expressar, ao coletivo, um pouquinho do aprendizado sentido naquele cruzamento de corpos – giz de cera e humano.

Na conversa, a importância da nossa memória olfativa foi enunciada. Arremeteu-se quanto os cheiros nos traz, por instante, várias recordações sensitivas. E, como proposta de *Afeto Catalisador*, nessa Roda, os participantes foram convidados a se darem Xerôs!

Simple e suave coisa... Suave coisa nenhuma... Após esse momento de conexão, houve corpos que sentiram liberados os fluxos pra compartilhar tristes imagens internas. Assim, através de expressões carregadas de lágrimas e benevolência, a conversa, nessa Roda, foi conduzida por experiências que despotencializaram a força de existir dos corpos presentes. Alguns relatos, emocionantes, emergiram nessa troca de imagens.

Suave coisa nenhuma, que em mim amadurece... “Como você vê o processo de se amar?” foi o questionamento que refletiu o nosso encontro.

Rolou abraços. Rolou Xerô no cangote. Rolou Dj YouTube.

Figura 16 - Escutatória



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 17 - Abre-te corazón.



Fonte: Acervo pessoal.

5.2.1.3 Roda de Afeto III

*Local: Espaço aberto em frente ao prédio dos laboratório da UNILA (Jardim
Universitário
Dia: 20/09/16
Início: 13h
Término: 15h30min*

Gritava o tambor ao lado de fora das salas de aulas, porém, dentro do campus Jardim Universitário...

As imagens, que essas batidas representavam, só o corpo humano que tocava àquele instrumento sonoro é quem sabe. Porém, as vibrações, transportadas pela força daqueles punhos, podiam ser sentidas por corpos alheios. Nessa atração, nossa “Roda de Afeto” foi conduzido às rodas desse tambor. O espaço, que até então estava acontecendo na sala G104, migrou e passou a se ambientar pelas gramas entre os laboratórios e a cantina.

Na mesma frequência, surgiu uma criança. E, foi esse pequeno grande

corpo quem acolheu, neste terceiro encontro, aos demais convivas da Roda. A criança nos ensinou a tocar o tambor, nos ensinou a dançar e nos ofereceu papel e lápis de cores para, com ela, também aprender a desenhar.

Após essa calorosa conexão infantil, a Roda conduziu-se à sombra de uma árvore. Ali, sob a proteção refrescante daqueles galhos, abriu-se o portal de comunicação para as trocas de imagens. Falou-se sobre as angústias da vida. Dos medos e das aflições de se viver. Das percepções de mundos e de conexão com a natureza.

Figura 18 – Sabedoria



Fonte: Domínio público.

5.2.1.4 Roda de Afeto IV

Local: Laboratório de Saúde Coletiva. (Sala G104 – UNILA)

Dia: 27/10/2016

Início: 13h

Término: 18h00min

Nosso quarto encontro foi embalado pela imaginação. Com cartolinas, papeis, lápis de cores, giz de cera e canetinhas espalhados pelo chão o campo ficou aberto à criação.

A conversa terapêutica, começou com discussões sobre o uso e abuso de drogas na comunidade acadêmica. Drogas tanto lícitas quanto ilícitas. Os problemas psiquiátricos ocasionados pelo meio que vivemos, as experiências de ter passado por diagnósticos de saúde mental e as rotas alternativas escolhidas pra fugir de tais diagnósticos, conduziram esta Roda de Afeto.

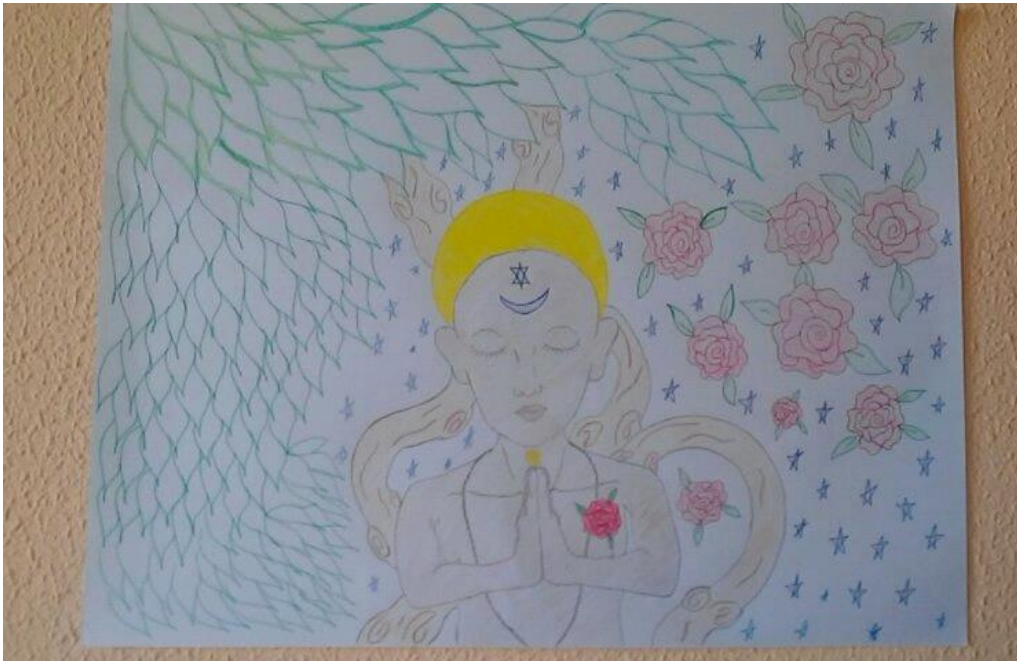
Surgiu diálogos sobre mandalas e sobre mundos místicos. Mundo dos anjos, mundo dos xamãs. E o lindo mundo da imaginação foi se materializando em desenhos.

Fazendo do YouTube sessões de musicoterapia, durante nossos bate-papos, os convivas se sentiam a vontade de serem os Djs. Cada canção colocada vinha junto à uma história.

Em torno de 16:20h, a Roda migrou para o lado de fora e se juntou com a roda de afeto que naturalmente acontece no espaço extra sala de aula. Com o rolo de papel e uma caixa cheia de cores, as pessoas que estavam do a fora também foram convidados a entrar na brincadeira de desenhar a imaginação.

E as conversas de mundos continuaram. Ao ar livre, o que norteou a Roda foram as significações das nossas existências baseadas no Kin. Saberes ancestrais de sincronicidade.

Figura 19 – Medicina



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 20 - Amar e mudar as coisas



Fonte: Acervo pessoal.

5.2.1.5 Roda de Afeto V

Local: Laboratório de Saúde Coletiva. (Sala G104 – UNILA)

Dia: 04/10/2016

Início: 13h

Término: 17h17min

Olhos nos olhos... Nossa Roda, esse dia, iniciou com uma troca de olhares. Os corpos presentes, atividade à par, sentados um de frente ao outro, se olharam ao tempo de uma canção. Quando a música acabava os pares cambiavam. Desse modo, todos os corpos participantes trocaram longos olhares.

Ao sentir que sem você eu passo bem demais...Após as miradas, houve improvisações musicais. Um violão e uma flauta doce conduziram o ritmo das danças. Nessa onda sonora, estimulou-se o processo criativo dos corpos. Improvisação de letras, improvisação de sons, improvisação de passos à bailar.

Me pego cantando sem mais nem porquê... Brincando com os tons, experimentou-se a vibração das vozes. Num louco cantarolar analisou-se a movimentação da fumaça do incenso a partir das frequências vocais criadas.

E tantas águas rolaram... Entre uma brincadeira e outra um corpo pegou o pincel e começou a oferecer o toque sensível do objeto. Logo em seguida, surgiu a ideia de se fazer pinturas corporais. Assim, num desenho, inicialmente inconsciente, aquele corpo começou a traçar com tinta azul linhas nos pés e nas mãos dos convivas. Apareceu um riohumano.

Quero ver como suporta me ver tão feliz... A pergunta que reflexionou esse nosso encontro foi: *Qual a diferença, pra você, entre amor e paixão?* E, ao expressar desse questionamento, a Roda prolongou-se por horas.

Cê sabe que a casa é sempre sua, venha sim...

Rolou composições musicais e, em círculo, criou-se.

Rolou coreografia e, espalhados pela sala, dançou-se.

Rolou bananeira coletiva e, de ponta cabeça, formou-se uma estrela humana na parede.

Figura 21 - Rios e luzes



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 22 - Rios e sombras



Fonte: Acervo pessoal.

5.2.1.6 Roda de Afeto VI

Local: Laboratório de Saúde Coletiva (Sala G104 – JU)

Dia: 11/10/2016

Início: 13h

Término: 14h30min

O projeto de estágio em Saúde Coletiva “Roda de Afeto”, enquanto um espaço de apoio institucional em cuidado coletivo à Saúde Mental em consonância com a realidade local, buscou, nesse sexto encontro, uma conversa inclinada ao poder das palavras.

Porém, primeiro, com uma fita adesiva na boca os convidados ficaram em silêncio. Ouvindo sua respiração ao mesmo tempo de uma canção. Depois cada um pensaria uma palavra que diminui a sua força de existir. E logo após tirar lentamente a fita adesiva, com a boca solta, a pessoa deveria colocar fortemente pra fora a palavra pensada num ato de expurgação.

Palavras cotidianamente presentes, mas que gostariam que não permanecessem dentro de seus corpos. Assim, num ato de expurgação, tais palavras foram mencionadas: preguiça; impotência; angústia; cansaço; preconceito; indolência; raiva; tristeza

Após um momento de reflexão, os corpos presentes foram de novo convidados a refletir sobre o poder das expressões, mas agora, para pensar em palavras potencializadoras. Palavras que, ao passarem pelos seus corpos, lhes encantariam que permanecessem. Assim, surgiu: potência; conseguir; muita alegria; esperança; autoconfiança; força.

Porém, dessa vez, tais palavras não foram expurgadas. No ato de um abraço, esses dizerem, carregados de vibrações positivas, foram transferidas de um corpo a outro.

Em seguida, em filas, os corpos foram convidados a se posicionarem em frente a um papel em branco colado na parede. Cada um com um giz de cera nas mãos e um isqueiro deveriam derreter a cera e jogá-la, também num ato de expurgação, na folha. Criar linhas de tintas com as forças que eram precisadas por para fora.

“O que você pode mudar no seu mundo?”, foi a pergunta que redirecionou

a conversa. E seu mundo, aqui, são as significações que você dá as suas imagens.

Dessa maneira, tais percepções foram reveladas:

-Posso mudar a forma de aprender e a ensinar a mim mesmo, a partir das minhas próprias experiências

- Posso lidar com minhas relações mais efetivamente

- Posso interessar-se mais pelo outro

- Posso me flagelar menos

- Posso me doar mais ao outro.

Para finalizar, na mesma folha das ceras derretidas, os corpos foram convidados a escrever uma sensação sobre a Roda de Afeto.

Com o incentivo do GT Saúde Mental da PRAE e da Graduação em Saúde Coletiva as Rodas de Afeto na UNILA estão rolando. E, nesse sexto, encontro:

Rolou canção de ninar as vozes do Ar*

Rolou danças aos Orixás pelos corpos de Odara*

Rolou lágrimas aos olhos do Tranquilo* e do Sol*

Rolou metáforas filosóficas às palavras da Água* e da Madera*

Rolou meditação às asas da Borboleta*

*São os corpos que ajudaram a construir a Roda e que, assim, na nossa brincadeira, se identificaram.

5.2.1.7 Roda de Afeto VII

Local: Laboratório de Saúde Coletiva (Sala G104 – JU)

Dia: 18/10/2016

Início: 13h

Término: 14h20min

Para acolher os convivas, nessa nossa sétima Roda, a utilização de fotografias serviu para iniciar nossa conversa. E, nesse encontro, a Roda de Afeto foi norteada pelo *questionamento* sobre a *identificação através das imagens*.

Com uma foto em mãos, os participantes, foram convidados à narrar o que aquela imagem representava para eles. Imaginar, criar uma história, dar personalidade às pessoas retratadas.

Assim, no decorrer da brincadeira, imagens pessoais da vida começaram a fluir. Uma foto, por exemplo, remeteu à admiração materna; uma outra, às saudosas

rodas de tererê no quintal de casa; uma terceira fotografia, por sua vez, nos conduziu à uma infância com grande perda e uma adolescência solitária. E, nessa última imagem, a gente se permitiu afetar mais. Abriu-se os ouvidos para escutar essas representações.

Liberdad* entrou na sala. Ela veio pra Roda, pois precisa expressar que estava triste. A data de hoje, fazia ela lembrar da perda de um ente muito querido. Ela se emociona! E, nesse fluxo, oferecemos um momento de cuidado à Liberdad.

Liberdad teve seus cinco grandes membros massageados. Uma pessoa massageou a cabeça, duas pessoas massagearam cada um de seus braços/mãos e outras duas massagearam seus pés /pernas. Depois trocava-se de lugar. Dessa maneira, rodou-se em torno da Liberdad.

Rolou trocas de identidades por meio de fotografias.

Rolou o mantra “Om” às vibrações da Liberdad*, da Amiga* e do Carinho*

Rolou massagens, em formato de estrela, em Liberdad*.

*São os corpos que construíram a nossa Roda, e, nesse sétimo encontro, assim se identificaram.

Figura 23 - E o que vai ficar na fotografia são os laços invisíveis que havia



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 24 - Nossos toques para cuidar da sua estrela



Fonte: Acervo pessoal.

5.3 O CORPO PARA O DEVIR DOS AFETOS

O corpo humano, enquanto algo vivo, está em constante processo de territorialização e desterritorialização. Se agenciando, fazendo conexões ora com o que lhe estratifica, ora com o que lhe faz fugir de tais estratificações.

Estratificar, dar significado, fixar identidade ao corpo e, ao mesmo tempo, lucrar com as rupturas abruptas dessas mesmas significações dadas é, a meu ver, a maior manobra do capitalismo.

As significações imaginárias ou processos de subjetivação do ser, que cotidianamente estão presentes em nossas vidas através dos meios midiáticos e educacionais propostos pelo sistema capitalista, garantem a manipulação dos modos de pensar e de estender formas de viver à determinada população.

O presente modo de produção compreende, há tempos, que para controlar e dominar os corpos contrala-se, primeiro, suas imagens.

“Diz-se livre a coisa que existe exclusivamente pela necessidade de sua natureza e que por si só é determinada a agir.” (SPINOZA, 2013). Tal frase de Espinosa, escrita há quase quatro séculos, cada vez mais nos aponta que a liberdade não encontra passagem em muitos métodos científicos modernos.

Agir pela necessidade da nossa natureza é estimular as compreensões sobre o nossas próprias imagens mentais identitárias. Sobre aquilo que regula as forças que vem de fora com as forças que vem de dentro e num processo vital necessita encontrar formas de se manifestar. Conforme Espinosa, “só padecemos necessariamente à medida que imaginamos, ou seja, à medida que somos afetados por um afeto que envolve a natureza de nosso corpo e a natureza do corpo exterior”. (SPINOZA, 2013 p. 136).

Não aprendemos na escola, tão pouco na universidade que os afetos constituem a racionalidade do homem. Menos ainda, em como encontrar as formas para os nossos próprios métodos. O amor, o ódio, o desejo, a inveja, o intelecto e outros afetos do ânimo, que constituem modos de pensar finitos e determinados de um corpo, precisam ser mais considerados pela ciência.

O corpo é expressado por suas multiplicidades, pois ele não é um ser, são seres. Seres constituídos por intensidades do desejo. Desejos esses, que o corpo humano nunca para de imantar pois constituem forças que vem de dentro. E, buscar significações próprias para suas identidades é o desafio das sociedades modernas: “A essência do homem não envolve a existência necessária, isto é, segundo a ordem da natureza tanto pode ocorrer que este ou aquele homem exista quando não exista.” (SPINOZA, 2013 p. 52).

O corpo acadêmico é uma identidade, assim como o corpo profissional, o corpo docente, o corpo discente, o corpo filha, o corpo mãe, etc. Assumimos várias e diversas identidades. Somos *inumeráveis estados do ser e cada vez mais perigosos*.

O perigo, entretanto, compreendo não como uma necessidade do corpo lançar forças para diminuir a força de existir do corpo alheio, mas o perigo que é representado pela noção de assumir as responsabilidades e significações adequadas para o seus próprios estados inumeráveis.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pressuposição que a investigação procurou pleitear é que a supervalorização da racionalidade, traduzida numa linguagem científica que desconsidera os afetos, é capaz de ascender sofrimento psíquicos no corpo acadêmico.

Ao prezar por linguagens que diminuem a livre expressão do corpo, os métodos das ciências modernas, podem estagnar as múltiplas linhas de desenvolvimento afetivo ou psíquico.

O corpo, aqui nessa monografia, foi compreendido como o próprio sujeito-singular-pedagógico da pesquisa em Saúde Coletiva. Numa compreensão, portanto, além da anatômica e “aquilo que está contido objetivamente no intelecto deve existir necessariamente na natureza”. (SPINOZA, 2013 p. 35)

Assim, o sujeito singular posto em pesquisa foi o próprio corpo da pesquisadora. Um corpo com existência determinada. E, intercalando a filosofia com a Saúde Coletiva, tensionou-se pesquisar a potência desse existir.

Portanto, dentre tantos dos meus estados inumeráveis, a Saúde Coletiva, no decorrer da investigação, se apresentou como um dos modos de pensar sobre os atributos da natureza. Atributo Saúde, com “S” maiúsculo, o que Nietzsche expressou como “Grande Saúde”; atributo coletivo. Entretanto, encontrar tal significação foi todo um processo. Processo que, por muitas vezes, por não se identificar com as definições vindas de fora, ocasionou a diminuição da minha força de existir psíquica.

Apesar das linhas de segmentaridade, ou seja, da estruturação da universidade que, inevitavelmente, estratifica o corpo o tempo todo, abriu-se um espaço, no decorrer da investigação, que representasse algumas de minhas linhas de fugas. Linhas de fugas essas, que deram subsídios o suficiente para criar os meus próprios modos de expressar o que compreendi por atributos da minha natureza.

Neste sentido, tentei descrever nessa monografia modos de pensar e de lidar com afetos. Não somente os conceituando, mas também expressando os próprios afetos sentidos ao longo desta louca nau investigativa.

As “Rodas de Afeto”, então, apresentam-se como um modo de extensão, um corpo. Um modo que, por meio de organizações discursivas carregadas de emoção, materializou em duas diferentes Instituições, uma municipal e outra federal, um espaço para se criar Saúde Coletiva.

O grande desafio, entretanto, foi fazer das “Rodas de Afeto” um corpo singular coletivo, ou seja, inventar um espaço singular à realidade local onde o coletivo se sentisse a causa e o efeito dessa ação em Saúde.

“Se vários indivíduos contribuem para uma única ação, de maneira tal que sejam todos, em conjunto, a causa de um único efeito, considero-o todos, sob este aspecto, como uma única coisa singular”. (SPINOZA, 2013 p. 52). As “Roda de Afeto”, portanto, enquanto uma arte da Saúde Coletiva, conseguiu, em conjunto, criar os seus eixos de Gestão e Atenção à Saúde.

Sobretudo, no transcorrer da monografia, venho tentando demonstrar que o eixo de Educação em Saúde é o próprio processo *fazer saber* Saúde Coletiva.

Por fim, como esta monografia tentou cartografar um processo de *tornar a ser* não houve prévias estruturações, assim as coincidências, ou melhor, as sincronicidades presentes no texto foram determinadas por forças de leis naturais.

E, contudo, se elogio os loucos que acreditam nas infinitas e indeterminadas leis da natureza, é porque vejo que só ela, a sábia e artística loucura, tem a audácia de abrir caminhos para se construir Ciência da afetividade humana.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA-FILHO, Naomar de. Transdisciplinaridade e o Paradigma Pós-Disciplinar na Saúde. **Rev. Saúde Soc.**, v.14, supl. 3. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v14n3/04.pdf>> Acesso em 02 dez. 2016.

ARENHART, Carlos G. Meister. **Sementes na formação profissional em saúde: narrativas de um florescimento regional dos cursos de graduação em saúde coletiva.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Saúde Coletiva) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2015. Disponível em: <<https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/384>> Acesso em: 08 dez. 2016

BARRETO, Adalberto. **Terapia Comunitária: passo a passo.** 4 ed. Fortaleza: LCR, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **II Caderno de educação popular em saúde.** Brasília, 2014.

_____. _____. **Revista Brasileira Saúde da Família**, ano 9, ed.esp. 2008. Brasília: Ministério da Saúde, 2008

_____. _____. Secretária de Atenção Básica. Departamento de Atenção Básica. Programa da Melhoria do Acesso e da Qualidade. **Manual instrutivo para o 3º Ciclo (2015-2016).** Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

_____. _____. **Portaria** nº 1.645, de 2 de outubro de 2015. Dispõe sobre o Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica (PMAQ-AB). Disponível em:

<<http://www.brasilsus.com.br/index.php/legislacoes/gabinete-do-ministro/4828-1645gm>> Acesso em: 20 nov. 2016.

BREILH, Jaime. La determinación social de la salud como herramienta de transformación hacia una nueva salud pública (salud colectiva). **Rev. Fac. Nac. Salud Pública.** Medellín/CO, v.31, supl. 1, p. 13-27. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/rfnsp/v31s1/v31s1a02.pdf>> Acesso: 28 nov. 2016.

CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. Saúde pública e saúde coletiva: campo e núcleo de saberes e práticas. **Ciênc. Saúde Col.**, Rio de Janeiro, v.5, n.2, p. 219-230. 2000 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v5n2/7093.pdf>> Acesso em: 08 dez. 2016.

_____; FIGUEIREDO, Mariana Dorsa; PEREIRA JÚNIOR, Nilton; CASTRO, Cristiane Perreira de. A aplicação da metodologia Paideia no apoio institucional, no apoio matricial e na clínica ampliada. **Interface Com. Saúde Educ.**, Botucatu/SP, v.18, supl. 1. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/icse/v18s1/1807->

5762-icse-18-1-0983.pdf> Acesso em: 25 nov. 2016

_____; FURLAN, Paula Giovana. Pesquisa-apoio: pesquisa participante e o método Paideia de apoio institucional. **Interface Com. Saúde Educ.**, Botucatu/SP, v.18, supl. 1. 2014. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/icse/v18s1/1807-5762-icse-18-1-0885.pdf>> Acesso em: 25 nov. 2016

CAMPOS, Rosana Onocko. **Psicanálise e saúde coletiva**: interfaces. 2 ed. São Paulo: HUCITEC, 2014.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Decolonizar la universidad: la hybris del punto cero y el diálogo de saberes. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOQUEL, Ramón. (Comp.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá/CO: Siglo del Hombre; 2007.

DELEUZE, Gilles. Spinoza e as três éticas. In: _____ **Crítica e clínica**. São Paulo: 34, 1997.

_____. A crise da imagem-ação. In: _____ **Cinema 1 – a imagem movimento**. Trad. Stella Senra. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____; GUATTARI, Félix. As máquinas desejanter. In: _____ **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia 1. Trad. Luiz B. L. Orlandi. — São Paulo: 34, 2010.

_____; _____ Introdução: Rizoma. In: _____ **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v.1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: 34, 1995

FERREIROS, Facundo. **Cartografia pedagógica Latinoamericana**. Hacia una pedagogia del cuerpo vivido: la corporalidad como território y como movimiento descolonizador. Disponível em: <<http://descolonizarlapedagogia.blogspot.com.br/2016/04/hacia-una-pedagogia-del-cuerpo-vivido.html>> Acesso: 08 nov. 2016.

FOUCAULT, Michel. Aula 17 de março de 1976 In: _____ **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon. Rio de Janeiro: Graal. 1999.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. 25.ed. Trad. Galeano de Freitas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GASPAR, Eneida Duarte. **O organismo humano e os ritmos da natureza**. Rio de Janeiro: Pallas, 1995.

LOPES, Edna Ferreira. América Latina: nosso corpo tem suas raízes. **Psicologia Corporal**, v.1, n. 2. 2014. Disponível em: <<http://psicorporal.emnuvens.com.br/rbpc>>

Acesso em: 05 dez. 2016.

LUZ, Madel T. Complexidade do Campo da Saúde Coletiva: multidisciplinaridade, interdisciplinaridade, e transdisciplinaridade de saberes e práticas – análise sócio-histórica de uma trajetória paradigmática. **Saúde Soc.**, v.18, supl. 2. 2009. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/sausoc/article/viewFile/29601/31469>> Acesso em: 02 dez. 2016.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Trad. José Fernando Campos Fontes. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

_____. **Desde la biología a la psicología**. 4 ed. Santiago/CL: Universitaria, 1985.

MELLO, Luis Carlos. **Nise da Silveira**: caminhos de uma psiquiatra rebelde. Rio de Janeiro: Holós, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia ciência**. São Paulo: Martin Claret, 2016. 456p.

PAGLIOSA, Fernando Luiz; DA ROS, Marco Aurélio. O relatório Flexner: para o bem e para o mal. **Rev. Bras. Educ. Med.**, Rio de Janeiro, v.32, n.4, p.492-99. 2008. Disponível em: <<http://lfc-ead.nutes.ufrj.br/constructore/objetos/Flexner.pdf>>. Acesso em: 08 dez.2016.

PAIM, Jairnilson Silva. **Desafíos para la salud colectiva en el siglo XXI**. Buenos Aires/AR: Lugar Editorial, 2011.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PORDEUS, Vitor. Youtube. **Programa Sala de Convidados** - Universidade Popular de Arte e Ciência (UPAC) sobre Humberto Maturana e Nise da Silveira. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YO6gw3ITxA>> Acesso em: 08 dez. 2016

QUIJANO, Aníbal. **¡Qué tal, raza!** 1999. Disponível em: <<http://repositorio.flacsoandes.edu.ec/bitstream/10469/5724/1/RFLACSO-ED48-09-Quijano.pdf>>. Acesso em: 08 dez.2016.

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil. Núcleo de Cultura, Ciência e Saúde. **Uma história da Universidade de Arte e Ciência**. Rio de Janeiro: SMSDC, 2011.

ROTTERDÃ, Erasmo. **Elogio da Loucura**. São Paulo: Nova Brasil, 1982.

ROLNIK, Suely. **Geopolítica da cafetinagem**. 2006. Disponível em: <<http://eipcp.net/transversal/1106/rolnik/pt>> Acesso em: 02 dez. 2016

_____. Esquizoanálise e antropogáfia. In: ENCONTROS INTERNACIONAIS GILLES DELEUZE, 1996. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Colégio Internacional de Estudos Filosóficos Transdisciplinares, 1996. Disponível em: <

<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Antropesquizoan.pdf>
Acesso em: 08 dez. 2016

SALLES, Nara. **Antonin Artaud: o corpo sem órgãos**. O Percevejo. v.2, n.1. 2009.
Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/sausoc/article/viewFile/29601/31469>>
Acesso em: 02 dez. 2016.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do inconsciente**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

_____. **Cartas a Spinoza**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

_____. **Jung: vida e obra**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Os inumeráveis estados do ser**: quarenta anos de experiência em
terapia ocupacional. Brasília: MEC, 1987. [Catálogo de exposição do Museu de
Imagem do Inconsciente]

_____. Retrospectiva de um trabalho vivido no Centro Psiquiátrico Pedro II do
Rio de Janeiro. **Rev. Latinoam. Psicopatol. Fundam.**, São Paulo, v. 9, n.1. p.138-
150. 2006. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/pdf/2330/233017581011.pdf>>
Acesso em: 16 nov. 2016.

SPINOZA, Baruch de. **Ética**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013

WANDERLEY, Lula. **O dragão pousou no espaço**: arte contemporânea, sofrimento
psíquico e o objeto relacional de Lygia Clark. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.